



**GIZELE EVANGELISTA DE OLIVEIRA**

**A QUESTÃO RELIGIOSA, A ESCOLA E A CULTURA DE PAZ**

**LAVRAS – MG**

**2019**

**GIZELE EVANGELISTA DE OLIVEIRA**

**A QUESTÃO RELIGIOSA, A ESCOLA E A CULTURA DE PAZ**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

Orientador

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa

**LAVRAS – MG**

**2019**

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca  
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

Oliveira, Gizele Evangelista de.

A questão religiosa, a escola e a cultura de paz: / Gizele  
Evangelista de Oliveira. - 2019.

53 p. : il.

Orientador(a): Vanderlei Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Lavras, 2019.  
Bibliografia.

1. Religião. 2. Educação. 3. Cultura de paz.

I. Vanderlei Barbosa. II. Título.

**GIZELE EVANGELISTA DE OLIVEIRA**

**A QUESTÃO RELIGIOSA, A ESCOLA E A CULTURA DE PAZ**

**THE RELIGIOUS QUESTION, THE SCHOOL AND THE CULTURE OF PEACE**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso Mestrado Profissional, área de concentração em Formação de Professores, para obtenção do título de Mestre.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2019.

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa      UFLA  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Melissa Salaro Bresci    IFSULDEMINAS  
Prof. Dr. Carlos Betlinski      PUC – SP

Prof. Dr. Vanderlei Barbosa  
Orientador

**LAVRAS – MG**

**2019**

## **AGRADECIMENTOS**

À Universidade Federal de Lavras, especialmente ao Departamento de Educação, pela oportunidade. Aos professores e professoras Ronei Ximenes Martins, José Antônio, Carlos Betlinsk, Jacqueline Magalhães Alves, Patrícia Almeida, Fábio Reis, Cláudia Maria Ribeiro e, especialmente, ao Professor Doutor Vanderlei Barbosa, pelas ricas contribuições e apoio incessantes pela orientação, paciência e disposição para ajudar em todo tempo. À professora Fernanda Barbosa Ferrari e ao professor Alysson Massote Carvalho, por gentilmente comporem a mesa no meu Exame de Qualificação e fazerem preciosos aportes. Ao diretor e colega Marcos Melo, por seu estímulo constante. Aos meus pais, Ferreira e Nina, pelo amor e apoio incondicional em todas as minhas decisões nas diferentes etapas da minha vida; aos meus irmãos Reginaldo e Matheus, pela torcida e ao meu filho Estevão, por pacientemente aguardar meu retorno para casa com um belo sorriso no rosto.

**MUITO OBRIGADA!**

## RESUMO

O objetivo desta pesquisa, intitulada, *A questão religiosa, Educação e Cultura de Paz*, é averiguar como o âmbito da educação encara a questão religiosa na sociedade contemporânea e como a questão religiosa contribui para a compreensão e potencialização da cultura da paz. Discutiremos o conceito de religião e liberdade religiosa, enfocando o direito fundamental à livre escolha, práticas e manifestações religiosas que possibilitam a cada pessoa o exercício individual ou coletivo da sua fé. Como espaço de vida social, analisaremos ainda se/e como a escola garante a segura manifestação religiosa de seus participantes. Assim sendo, esta pesquisa ancora-se na justificativa do direito fundamental das liberdades, dentre elas, a religiosa, como demonstração de garantia da democracia em todos os espaços, defendendo o pluralismo, a diversidade, o multiculturalismo e a educação laica. Como procedimento metodológico desta pesquisa, lançaremos mão da perspectiva teórico-bibliográfica, tendo como principais fontes e referenciais teóricos as obras de Max Weber, Leonardo Boff, Jürgen Habermas, Luiz Antônio Cunha e Dalai Lama.

**Palavras-Chave:** Religião. Educação. Cultura de paz.

## **ABSTRACT**

The objective in this research, titled The religious question, Education and Culture of Peace, aims to check out how the education scope face the religion in the contemporary society and how the religion issue contribute for understanding and potentiation culture of peace. We will discuss the concept of religion and free religious, focused on the fundamental right of free choice, exercise and manifestation religious that permit each person the individual or collective exercise of their faith. As a social life space, we will also analyze if/and the school guarantee the safe religious manifestation of their participants. Therefore, this research anchored itself in the justification of the liberties fundamental right, among them, the religious, as demonstration of guarantee of democracy in all spaces, defending pluralism, the diversity, the multiculturalism and laic education. As a methodological procedure of this research, we will take on board of theoretical-bibliographical perspective, as main source and theoretical references the works by Max Weber, Leonardo Boff, Jürgen Habermas, Luiz Antônio Cunha and Dalai Lama.

**Keywords:** Religion. Education. Culture of peace.

## LISTA DE SIGLAS

ANCINE	Agência Nacional do Cinema.
CF	Constituição Federal.
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.
IBGE	Instituto Nacional de Geografia e Estatística.
LDB	Leis de Diretrizes e Base.
OCA	Observatório Brasileiro de Cinema e Audiovisual.
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais.
PNE	Plano Nacional de Educação.
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figure 1</b>	Resposta à pergunta: “Qual é a sua religião?” .....	25
<b>Figure 2</b>	Os Pilares do Islã.....	38

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1.....	18
1 NOTAS SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO .....	18
1.1 A religião e seus múltiplos espaços .....	18
CAPÍTULO 2.....	30
1 A RELIGIÃO COMO CULTURA.....	30
1.1 Cristianismo .....	33
1.2 Hinduísmo .....	34
1.3 Judaísmo .....	35
1.4 Budismo.....	36
1.5 Candomblé .....	36
1.6 Islamismo ou Islã .....	37
CAPÍTULO 3.....	40
1 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E A EDUCAÇÃO.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	50

## INTRODUÇÃO

O fenômeno religioso é uma manifestação tipicamente humana. Em todas as épocas históricas encontram-se traços, atividades e alguma forma de religião. Ademais, é consenso entre os estudiosos - antropólogos, sociólogos, arqueólogos, filósofos, teólogos, historiadores - que todas as culturas são profundamente marcadas pela religião e que as melhores produções artísticas e literárias, não só das civilizações antigas, mas também das modernas, se inspiram em motivos religiosos<sup>1</sup>.

No ambiente acadêmico frequentemente há uma resistência ao debate sobre a religião por alguns motivos que são evocados: primeiro, porque a religião é vista com suspeita e taxada de obscurantista; segundo, porque muitos indivíduos se afirmam ateus ou agnósticos; terceiro, porque em defesa do espaço laico não se deve misturar questões de ordem religiosa. Essa é uma saída simplista e equivocada porque essas razões não constituem argumentos plausíveis contra a relevância do fenômeno religioso.

Para Luc Ferry, é absurdo se formar professor sem saber nada de judaísmo, islamismo e cristianismo. Nas universidades, de modo geral, os professores sinalizam, superficialmente, algo da antiguidade clássica – sobretudo grega – para contextualizar a Grécia como matriz de nossa cultura ocidental e, em seguida, salta-se para o Iluminismo, que instaurou as bases da modernidade e suas inumeráveis conquistas e, simplesmente, ignoram 15 séculos – fim do século II até início do século XVII – como uma fase histórica nomeada como “período das trevas”. Esse desprezo pela história só pode ter duas causas: ou ignorância ou má-fé.

Como bem sinaliza Luc Ferry em *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*, que nos fornece uma análise intelectual honesta ao dizer:

mesmo quando não se é crente, com muito mais razão quando se é hostil às religiões, como veremos em Nietzsche, não temos o direito de ignorá-las. Mesmo que seja para criticá-las, é preciso ao menos conhecê-las e saber um pouco do que falam. Sem contar que elas ainda explicam uma infinidade de aspectos do mundo no qual vivemos, que saiu inteiramente do universo religioso. Não existe museu de obras de arte, mesmo contemporâneo, que não exija um mínimo de conhecimento teológico (FERRY, 2010, p. 59).

---

<sup>1</sup> Cf. a este respeito HABERMAS, J. **Entre naturalismo y religión**. Argentina, Barcelona e México: Paidós, 2006.

Tal leitura nos permite compreender a representação simbólica e profunda que move a história, que são as religiões. Pode-se ser crente ou não crente, mas o que não se pode é ignorar ou deixar à margem essa força que perdurou por mais de 15 séculos e que configurou a cultura da qual somos tributários. Estabelecer e recolocar o debate sobre essa temática e discutir o problema, elaborando uma definição de religião e explorando as implicações políticas e o papel bastante significativo que a religião desempenha na vida social e cultural em todas as partes do globo<sup>2</sup>, é o propósito que orientará essa pesquisa.

A motivação dessa pesquisa nasceu exatamente de nossas inquietações, como pessoas com religiosidade muitas vezes "inconformadas" com certas atitudes dos nossos "pares religiosos" e sedentas por compreendermos melhor as razões de nossa própria fé.

Percebemos que, nas relações sociais, na sucessão dos dias, nos deparamos com uma infinidade de opiniões e práticas, justificadas por ser cada um, único. Algumas destas, entendemos como legítimas e coerentes, outras, no entanto, lemos como preconceituosas e intolerantes baseadas em classificação do sujeito por ser diferente do "eu", dos "outros" e até do nosso próprio Eu, que tem como consequência, em vários momentos, a violação dos Direitos Humanos e liberdades asseguradas pela Constituição Federal Brasileira.

Necessitamos discutir a diversidade religiosa e a educação, pois não nos sentimos confortáveis com o constante estranhamento do "outro" que é nosso par, e de igual modo, quando presenciamos a discriminação e o desrespeito de outro pelos "outros" por questões religiosas, não podemos negar nosso torturo. É um desafio bastante complexo dialogar a esse respeito, desafio tão altamente necessário para se entender e normalizar a multiplicidade de sujeitos, suas culturas e suas religiões ou ausência delas no contexto educacional onde atuamos diariamente.

O olhar para a diversidade religiosa deve ser tão natural ao ponto de não constranger àqueles que entendemos como diferentes e que, na verdade, é o natural do ser humano, geneticamente, filosoficamente, historicamente, culturalmente, fisicamente, politicamente, amorosamente e tantos outros "mente" que compõem o sujeito, que por sua vez compõem a sociedade, que por último compõem a humanidade plural como é.

---

<sup>2</sup> Conflitos no Afeganistão entre radicais mulçumanos e não mulçumanos, em Israel entre judeus e mulçumanos, no Iraque entre xiitas e sunitas, além de outros. Por outro lado, o Programa de Apoio aos Refugiados Cristãos em Vila Velha no Espírito Santo e O acolhimento aos refugiados da Síria pela Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Belo Horizonte – Minas Gerais, etc.

O que nos impulsiona aspirar a este estudo é principalmente o fato de sermos professores e como tais, diariamente temos a oportunidade de interagirmos em um espaço privilegiado para a construção de um olhar natural, respeitoso e admirável frente às diversidades, dentre elas, a religiosa com todas as nuances que as estabelecem.

Sentimos-nos motivados, também, a ter propriedade para a desconstrução de um ambiente que se torne agressivo, humilhante, opressor e desfavorável à diversidade religiosa em todos os seus tons e sons, quando a não aceitação do Outro gera conflitos. Não é raro presenciarmos na escola a desclassificação de pessoas por pessoas, justificada pelas diferenças de crenças, o que contribui para a degradação da vida social pacífica, causando dor, constrangimento e distanciamento.

Por fim, esta é nossa motivação: influenciar a comunidade escolar na construção do humanismo respeitoso, ou seja, manter uma postura ética, atribuindo a maior importância à dignidade humana, sendo pacífico e aberto para a diversidade religiosa, ainda que o Ser do outro, não seja o Ser de todos, e que bom que não o é, pois justamente as diferenças é que compõem a humanidade belamente heterogênea. Sermos capaz de dialogar a respeito não só na escola, mas em todos os grupos sociais aos quais pertencemos ou algumas vezes frequentamos. Quebrar tabus que cercam as religiões e colocar em roda este assunto, pois acreditamos que religião é algo que se discute.

Desejamos estar aptos para gerenciarmos os conflitos possíveis quando as diferenças não são admiradas e estereótipos pejorativos são efetivados. Dialogarmos para a formação de um ambiente democrático de boa convivência com as especificidades de cada um em um grupo religiosamente heterogêneo.

Diante do exposto, colocamos alguns objetivos específicos, a saber: a) apontar algumas das principais religiões praticadas no Brasil e suas características; b) tecer diálogos, apontando caminhos para o convívio harmonioso entre as religiões; e c) verificar o papel da religião na construção da Cultura da Paz.

Pensando na educação brasileira como pertencente a um Estado laico, o tema religião e educação justifica-se, pois a reflexão sobre a consolidação da garantia de liberdade religiosa é importante. Dentro da escola existem múltiplas religiões representadas e devem ser respeitadas em todas as suas instâncias, justamente pela liberdade garantida constitucionalmente. Além disso, é fundamental vislumbrar como o fenômeno religioso

contemporâneo pode contribuir para a cultura da paz<sup>3</sup>, conceito este desenvolvido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO. É indispensável a valorização da religião como potente artifício para a promoção do respeito e do olhar admirado entre as pessoas na sociedade para reconhecer o diferente e compreender a importância deste para a constituição da nossa cultura e, assim, valorizá-la.

Formalizando nossa reflexão, é necessário definir o conceito de religião. Afinal, o que é religião? Etimologicamente, a palavra religião vem do latim “*religare*”, que tem como significado, religar, neste contexto, religar o homem a Deus, às forças superiores. Neste caso, cada religião vai dar a Deus ou aos deuses ou forças superiores o seu significado, mas, de uma forma geral, todas proclamam devoção, fé, obediência, buscam uma postura intelectual e moral baseadas nas suas crenças além da paz interior e entre os homens.

O sociólogo Max Weber (1982) define a religião como "um estilo de vida próprio promovido pelo indivíduo que, conseqüentemente, interfere na conduta individual e coletiva”, sendo assim, a fé pode ser uma aliada à promoção da convivência pacífica entre a sociedade e no gerenciamento dos seus conflitos.

Em consonância com Weber, Leonardo Boff também acredita que a religiosidade, a religião e ainda além, a espiritualidade, é uma dimensão do ser humano que perpassa seus comportamentos interpessoais e intrapessoais:

hoje, a singularidade do nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como uma dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço de paz no meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais (BOFF, 2001, p. 18).

Para Boff (2001), a espiritualidade está relacionada com as qualidades do espírito humano como amor e compaixão, paciência e tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia, que trazem felicidade tanto para a própria pessoa como para os outros. Todas estas qualidades são essenciais para fortalecer os relacionamentos inter-religiosos, pois eles providenciam o diálogo pacífico mesmo diante das divergências.

Segundo Durkheim, a religião está na própria natureza de todas as coisas, se assim não fosse, a realidade faria uma oposição onde a religião não resistiria:

---

<sup>3</sup>Segundo a Assembleia Geral da UNESCO/1999, Cultura de Paz é um conjunto de valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida baseados no respeito à vida, ao fim da violência, à prática da não-violência por meio da educação, diálogo e cooperação.

todas as crenças religiosas conhecidas, sejam simples ou complexas, apresentam um mesmo caráter comum: supõem uma classificação das coisas, reais ou ideais, que os homens concebem, em duas classes, em dois gêneros opostos, designados geralmente por dois termos distintos que as palavras profano e sagrado traduzem bastante bem. A divisão do mundo em dois domínios que compreendem, um, tudo o que é sagrado, outro, tudo o que é profano, tal é o traço distintivo do pensamento religioso: as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas, são representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações mútuas e com as coisas profanas (DURKHEIM, 1996, p. 19-20).

Entendemos a religião como uma experiência coletiva, mas, principalmente individual, pois, ela começa dentro do ser humano, interfere em suas estruturas emocionais, psicológicas, físicas e logo comportamentais influenciando no modo de agir consigo mesmo e com o outro.

Como experiência interpessoal, a religião se baseará na cosmovisão<sup>4</sup> do ser humano, naquilo que, de forma pessoal, cada um sente, percebe, acredita, defende, vive. Esta cosmovisão influencia na formação ética de cada um e, conseqüentemente, nas atitudes sociais. Ela interfere na maneira como as pessoas enxergam o mundo, no modo como elas percebem Deus, como entendem o bem, o mal, a moral, o imoral etc. Este conjunto de ideias formam a base para os conceitos, atitudes, decisões do ser humano, digamos que é o ponto de partida onde cada sujeito crente vai se basear para tudo relacionado a sua vida enquanto ser social.

Boff ressalta a importância da ética nas relações e como que, principalmente a ética nas religiões, promovem a paz e a boa convivência.

Nenhuma sociedade no passado ou no presente vive sem uma ética. Como seres sociais, precisamos elaborar certos consensos, coibir certas ações e criar projetos coletivos que dão sentido e rumo à história. Hoje, devido ao fato da globalização, constata-se o encontro de muitos projetos éticos nem todos compatíveis entre si. Face à nova era da humanidade, agora mundializada, sente-se a urgência de um patamar ético mínimo que possa ganhar o consentimento de todos e assim viabilizar a convivência dos povos. Uma permanente fonte de ética são as religiões. Estas animam valores, ditam comportamentos e dão significado à vida de grande parte da humanidade que, a despeito do processo de secularização, se rege pela cosmovisão religiosa. Como as religiões são muitas e diferentes, variam também as normas éticas. Dificilmente se pode fundar um consenso ético, baseado somente no fator religioso. Qual religião tomar como referência? A ética fundada na religião possui, entretanto, um valor inestimável por referi-la a um último fundamento que é o Absoluto (BOFF, 1999).

---

<sup>4</sup>Modo particular de perceber o mundo, geralmente, tendo em conta as relações humanas, buscando entender questões filosóficas (existência humana, vida após a morte etc.); concepção ou visão de mundo. (Dicionário Online de Língua portuguesa).

A escolha por uma determinada religião ou até mesmo a escolha por não ter religião nenhuma, é fundamentada na cosmovisão de cada sujeito. No entanto, aqueles que optam por seguir alguma crença religiosa seja ela qual for, de um modo geral, buscam pelo espiritual, pela espiritualidade. Não estamos dizendo que “todos os caminhos levam a Deus” até mesmo porque nem todas as religiões são de base monoteísta. Neste caso especificamente, nos apegamos na espiritualidade descrita por Leonardo Boff (2001, p. 80):

a espiritualidade é uma dimensão do ser humano. Essa dimensão espiritual que cada um de nós tem se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade, pela compaixão, pela escuta do outro, pela responsabilidade, pelo cuidado como atitude fundamental. É alimentar um sentido profundo de valores pelos quais vale a pena sacrificar tempo, energias e, no limite, a própria vida.

Se pensarmos na influência da espiritualidade descrita por Boff e no sentido de cosmovisão, podemos concluir que tanto uma como a outra podem ser catalisadoras para a Cultura de Paz. Ambas promovem reflexão, conversa, ética e diálogo.

Para além das definições, cabe salientar que a religião não é um bloco monolítico, não possui apenas um lado, uma versão, uma convergência, ela comporta, dialeticamente, várias interpretações, várias perspectivas, várias matrizes, assim, a intenção dessa pesquisa é recuperar os traços do fenômeno religioso e demonstrar sua relevância na história humana. Buscaremos ancorar nossa reflexão, como já sinalizamos anteriormente, a partir do universo conceitual de Max Weber, Leonardo Boff, Emile Durkheim, Jürgen Habermas, Luiz Antônio Cunha e Dalai Lama.

O trabalho que teve como metodologia a Pesquisa Bibliográfica<sup>5</sup> está estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo tem um formato descritivo, no qual apresentamos os objetivos que servirão como alvos a serem alcançados ao final da pesquisa. Trouxemos a justificativa do trabalho com intuito de pontuar ao leitor nossas escolhas. Contextualizamos a pesquisa a fim de situar os/as leitores/as nos caminhos que percorremos e apresentamos os rumos e aportes teóricos que deram sustentabilidade à dissertação. Não temos a intenção de

---

<sup>5</sup>A metodologia adotada será teórico-bibliográfica, analítico-documental qualitativa e o processo de coleta de dados através de Pesquisa Bibliográfica. Segundo Martins (2015, p. 39) “uma pesquisa bibliográfica ou documental permite a comparação de ideias de diferentes autores/estudiosos de um tema, procurando similaridades e divergências”. Os autores que servirão de base primária para esta Pesquisa Bibliográfica serão Max Weber, Emile Durkheim, Leonardo Boff, Edgar Morin, Dalai Lama e Luiz Antônio Cunha. De acordo com Oliveira (1998, p. 68), “a pesquisa tem por objetivo estabelecer uma série de compreensões no sentido de descobrir respostas para as indagações e questões que existem em todos os ramos de conhecimento humano” e “A pesquisa, tanto para o efeito científico como profissional, envolve a abertura de horizontes e apresentação de diretrizes fundamentais, que podem contribuir para o desenvolvimento do conhecimento”.



delimitar um grupo específico de leitores, é um trabalho direcionado para todos os públicos interessados pela temática.

No segundo capítulo, fizemos uma abordagem analítica, considerando os referenciais teóricos e apresentando seus principais conceitos e teorias. De modo especial, buscamos ancorar, principalmente, nas ideias do teólogo Leonardo Boff. Abordamos o fenômeno religioso no mundo e as questões religiosas na sociedade contemporânea.

No terceiro capítulo, tecemos diálogos apresentando os possíveis caminhos para o convívio inter-religioso e abordamos conceitos como a Cultura da Paz, numa abordagem propositiva.

## CAPÍTULO 1

### 1 NOTAS SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

As religiões operaram em face de duas questões supremas que perseguem os seres humanos: a finitude e o sentido da vida. É o que encontramos nos maiores pensadores cristãos, de Santo Agostinho a Pascal, bem como entre exponenciais pensadores de outras denominações religiosas.

Desde os primórdios, o ser humano busca explicações para os fenômenos naturais que ocorrem à sua volta; então, começou a questionar onde e como deu-se início ao que conhecemos por Terra, como surgiram os elementos que a compõem, flora, fauna, fenômenos, civilizações. A partir destas reflexões e indagações, o homem tem se dedicado a criar explicações que envolvem discursos religiosos, filosóficos e científicos. Mitologias, folclores, ciências e religiões tentam responder e desvendar os mistérios da origem de tudo.

No que tange a busca por conhecimentos, paz, aproximação com o sagrado, respostas para suas inquietações, grande parte da humanidade desde tempos remotos, apegou-se à religião e tudo que a compõe, como seus ritos, cerimoniais, símbolos, liturgias e doutrinas.

O tema religião é tão relevante e atual que renomados pesquisadores tanto antigos<sup>6</sup> como contemporâneos se dedicaram e dedicam a ele e, até mesmo a Constituição Federal, prestou especial atenção ao assunto.

Estima-se que existam mais de 10 mil religiões diferentes em todo o mundo, a maioria delas concentradas na Índia. Considera-se para efeito de compreensão neste presente trabalho que religião é todo tipo de manifestação religiosa, mas, segundo Vilaverde (2016), “as religiões que acumulam mais adeptos são o cristianismo, budismo, islamismo judaísmo, espiritismo e hinduísmo”.

Religião é um fenômeno individual, mas que se torna coletivo quando grupos se identificam e praticam fé semelhantes. Esta determina comportamentos e influencia estilos de vida, ética e moral pessoal e coletiva.

O artigo 5º da Constituição Brasileira de 1988, garante a igualdade de todos perante a lei, reforçando o direito à vida, liberdade, segurança e à propriedade, ressaltando no parágrafo

---

<sup>6</sup> Exemplifico com Max Weber, Émile Durkheim e contemporâneos, Leonardo Boff, Dalai Lama, Luiz Antônio Cunha, Revista Superinteressante, Galileu e outras.

IV a “inviolável liberdade de consciência e de crença”, sendo assegurado o exercício dos cultos religiosos.

VI – É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias (BRASIL, 1988, p. 17).

De forma livre, individual e coletiva, cada pessoa pode, ainda que teoricamente<sup>7</sup>, exercer, proferir e divulgar a sua fé em liberdade e segurança em templos, sinagogas, terreiros, mesquitas e em quaisquer outros espaços públicos. Esta liberdade promove uma grande diversidade de religiões no Brasil, algumas de matrizes cristãs europeias, africanas, orientais e assim por diante.

Podemos exemplificar o cristianismo como religião de matriz europeia que chegou ao Brasil no ano de 1500 através dos colonizadores. As de origem africana, como o banto, foram introduzidas no Brasil pelos escravizados trazidos da África também durante a colonização, religião esta que originou o candomblé. E como religião oriental, podemos citar, entre várias outras, o budismo, trazido pelos imigrantes japoneses no início do século XX.

Sabe-se que nem todas as pessoas professam uma fé, mais especificamente, 8% da população brasileira, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), são aqueles que se denominam ateus, e proclamar seu ateísmo configura liberdade religiosa, no entanto, há um grande grupo que professa algum tipo de fé. Mais recentemente, dados reservados, levados à 54.<sup>a</sup> Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em Aparecida (SP), mostram que o número de brasileiros que se declaram ateus subiu de 8%, em 2010, para 8,9% em 2014.

Devemos dialogar sobre como é possível a escola garantir a liberdade, equidade e tolerância em seus espaços. Como o âmbito da educação encara a questão religiosa na sociedade contemporânea e como a questão religiosa contribui para a compreensão e potencialização da cultura de paz.

A escola é um espaço privilegiado para discussões e enfrentamentos, sendo assim, é fundamental a promoção da cultura de paz em todos os sentidos e, mais especificamente, a religião como uma ferramenta para a consolidação da boa convivência embasando-se no respeito, alteridade e liberdade. Lembrando que a cultura de paz é um conjunto de valores,

---

<sup>7</sup> Devido ao crescimento da diversidade religiosa no Brasil, verificou-se a intolerância, fenômeno reconhecido pelo Estado como um problema, assim, criou por meio da Lei 11.635 de 27 de dezembro de 2007 o “Dia Nacional de Combate a Intolerância Religiosa (21 de janeiro).

atitudes, comportamentos e modos de vida que rejeitam a violência e previnem os conflitos, atacando suas causas para resolver os problemas através do diálogo e negociação entre indivíduos, grupos e nações (UNESCO, 1999).

O currículo escolar, sendo um documento que abrange as experiências escolares e onde se encontram os conteúdos que deverão ser abordados no processo de ensino-aprendizagem, pode ser usado como uma ferramenta para a valorização da diversidade religiosa, prevendo diálogos e programas que incentivem a reflexão sobre as diferentes representações de fé contidas na escola e o enfrentamento da intolerância, preconceitos e desvalorização de uma religião em detrimento de outra. Há que se resguardar, no entanto, o cuidado de não privilegiar alguma religião e desvalorizar outras. Este é um tema tão relevante que é contemplado em diversos documentos oficiais<sup>8</sup>.

No Brasil, a disciplinarização do Ensino Religioso é indicada no primeiro parágrafo do artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino Fundamental e aponta que o currículo deve atender aos conteúdos “da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil” (BRASIL, 1996), e ainda o Ensino Religioso em seu artigo 33, como “disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”, além de ser assegurado na Constituição brasileira no artigo 210, parágrafo primeiro (BRASIL, 1988).

Conhecer as diversas manifestações religiosas bem como seus ritos e cerimônias a fim de quebrar tabus<sup>9</sup> e preconceitos estabelecidos pelo distanciamento entre as religiões e seus praticantes é necessário, pois potencializa o respeito e a desconstrução de conceitos preconcebidos, tais como a “demonização” de religiões de matriz afro, como, por exemplo, as classificações de Macedo (1997, p. 7), em um dos seus livros;

O povo brasileiro herdou, das práticas religiosas dos índios nativos e dos escravos oriundos da África, algumas "religiões" que vieram mais tarde a ser reforçadas com doutrinas espiritualistas, esotéricas e tantas outras que tiveram mestres como Franz Anton Mesmer, Allan Kardec e outros médiuns famosos. Houve, com o decorrer dos séculos, um sincretismo religioso, ou seja, uma mistura curiosa e diabólica de mitologia africana, indígena brasileira, espiritismo e cristianismo, que criou ou favoreceu o desenvolvimento de cultos fetichistas como a umbanda, a quimbanda e o candomblé.

---

<sup>8</sup> Projeto Político Pedagógico de cada escola, Parâmetros Curriculares Nacionais, Currículo Básico Comum, Lei de Diretrizes e Bases, etc.

<sup>9</sup> Dic. Aurélio: Proibição de determinada ação, de aproximação ou contato com algo ou alguém que é considerado sagrado.

Não é raro nos depararmos com textos e explicações verbais que apresentam a religião de forma tendenciosa, salvaguardando aquelas consideradas legítimas e históricas, desprivilegiando outras que são mencionadas por pessoas que não as praticam, conhecem-nas de fora, tornando assim muitos discursos discriminatórios e distanciados de determinadas crenças. Acreditamos na importância de uma pesquisa livre de conceitos preconcebidos. Aspiramos por corroborar como a religião pode contribuir para a promoção da paz entre as pessoas.

A religião pode ser um fator unificador ou uma justificativa para barbáries<sup>10</sup>. O fator unificador só será possível quando houver uma descolonização religiosa<sup>11</sup>, quando cada pessoa conseguir olhar para o culto do outro de forma natural e respeitosa sem estranhamentos e este olhar é possibilitado por pesquisas que apresentem conteúdos legítimos que não elejam determinada religião para privilegiar implícita ou explicitamente. Sobre o que é religião P. Huntington (1993 citado por BOFF, 2002, p. 58-59) diz:

no mundo moderno, a religião é uma força central, talvez a força central que motiva e mobiliza as pessoas... O que em última análise conta para as pessoas não é a ideologia política nem o interesse econômico; mas aquilo com que as pessoas se identificam são as convicções religiosas, a família e os credos. É por essas coisas que elas combatem e até mesmo estão dispostas a dar a sua vida.

Tecer diálogos que contemplem as diversas religiões e, principalmente, a liberdade religiosa, reforça um dos direitos fundamentais, o da liberdade, que segundo Brian H. Bix (2009), “significa ausência de limitações à ação, em especial à falta de limitações jurídicas”. Pode-se considerar uma conquista a garantia de liberdade de cultos e manifestações religiosas, mas, ainda percebemos, através das mídias, e até mesmo presenciemos conflitos que a religião pode causar quando não é compreendida como uma “arma” de e para a paz. A este respeito, podemos citar como exemplo o Talibã. De acordo com Boff (2002, p. 57);

Talibã significa estudantes das universidades corânicas, especialmente de teologia. Em 1994, os talibãs assumiram o poder de 90% do território afegão, impondo uma política teocrática fundamentalista que abrigou a rede de terrorismo montada por Osama Bin Laden contra quem se faz uma guerra de vergonha, pois, contra um dos três países mais pobres do mundo e assolado por vinte e dois anos de guerra ininterrupta e uma inclemente estiagem de três anos.

---

<sup>10</sup> Exemplo Guerra Santa, atitudes extremistas tomadas por religiões monoteístas para protegerem o que consideram como ameaça aos seus dogmas e lugares santos.

<sup>11</sup>Para o aprofundamento do conceito de descolonização religiosa, conferir a obra de Luiz Antônio Cunha, em sua obra: Educação e Religião: descolonização religiosa da Escola Pública”, que explicita e aprofunda esta abordagem.

Um olhar aproximado e reflexivo sobre o tema possibilita a desconstrução de concepções preconceituosas e intolerantes baseadas em classificação do sujeito por ser diferente daquilo que é ou acredita ser, de quem classifica e tem como consequência, em vários momentos, a violação de direitos dos homens e mulheres de ser com liberdade.

É um desafio complexo dialogar a respeito da questão religiosa e educação mas, altamente necessário para se entender e legitimar a multiplicidade religiosa no contexto educacional e também fora dele, pensando estratégias de utilização das diversas religiões como base para a consolidação da paz e do respeito.

É um momento propício para discussões sobre religião, direitos, liberdades, quando assistimos, assombrados ou não, Guerras Santas<sup>12</sup> longe de nós, ou logo ali quando protestantes, católicos, candomblecistas não conseguem conviver pacificamente e nem visitar-se por “incompatibilidade de fé” e por não compreenderem que o segredo para a paz é a reverência. Essas incompatibilidades geram, em vários momentos, pequenos debates ou até mesmo grandes conflitos causadores de milhares de mortes<sup>13</sup>.

Interagimos em espaços sociais privilegiados para a construção de um olhar natural, respeitoso e admirável frente às diversidades e, no nosso caso, a religiosa com todas as nuances que a estabelece. Sentimo-nos instigados a movimentarmos em direção à desconstrução de um ambiente que se torne agressivo, humilhante, opressor e desfavorável à diversidade religiosa em todos os seus tons e sons.

É desejável uma educação que atue na construção de uma humanidade respeitosa, pacífica e condescendente, ainda que o Ser do outro, não seja o Ser de todos. Uma sociedade capaz de gerenciar os conflitos possíveis e não banalizar comportamentos depreciativos por motivo algum.

Dialogar para a formação de um ambiente democrático, de boa convivência com as especificidades de cada um, em um grupo heterogêneo, percebendo o Outro como integrante de nós mesmos, visto que compomos a mesma sociedade e assim podemos nos partilhar. Como nos lembra Boff (2002, p. 71), “Nenhum ser humano é uma ilha...por isso, não perguntem por quem os sinos doam. Eles doam por cada um, por cada uma, por toda a humanidade”.

---

<sup>12</sup>É um recurso extremista que as grandes religiões monoteístas têm usado ao longo da história para proteger o que consideram ameaça aos seus dogmas e a seus lugares sagrados. Na origem das primeiras "guerras santas" já travadas na história estão o Islamismo e o Cristianismo.

<sup>13</sup> Conflitos mundiais na Irlanda, ex-Iugoslávia, Palestina, Caxemira, Afeganistão, etc.

A religião é um dos atributos do ser humano, assim, não pode ser negado por parte do Estado. Ainda que laico, não significa que a rejeita e, sim, que não professa fé para garantir o direito descrito pela Constituição sobre liberdade religiosa. Assim, é um dos papéis do Estado resguardar esta dimensão de cada sujeito.

### **1.1 A religião e seus múltiplos espaços**

É cabível, neste momento, diferenciar dois conceitos: laico e ateu, para não confundirmos o posicionamento do Estado frente a religião. De acordo com Cunha (2013, p. 9):

Laico é o Estado imparcial diante das disputas do campo religioso, que se priva de interferir nele, seja pelo apoio, seja pelo bloqueio a alguma confissão religiosa. Em contrapartida, o poder estatal não é empregado pelas instituições religiosas para o exercício de suas atividades. O Estado laico se difere do Estado ateu. Este é o que se opõe a toda e qualquer religião, desqualificando como alienada ou alienante, em termos sociais ou individuais.

Compreendidas as duas definições, podemos prosseguir. Para muitos, como o Estado é laico, ele rejeita as manifestações religiosas, mas isto o faria, laicista; ao contrário disso, apesar de não proferir nenhuma religião, ele permite e assegura que cada pessoa exerça sua fé incluindo ritos e cerimônias livremente. A Constituição de 1988 é bem clara quanto ao seu apoio à liberdade religiosa ainda que em um Estado laico. Vejamos as normas assinaladas:

Artigo: 5º VI, estipula ser inviolável a liberdade de consciência e de crença, assegurando o livre exercício dos cultos religiosos e garantindo, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e as suas liturgias.

O inciso VII do artigo: 5º estipula que ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei.

O artigo 19º, veda aos Estados, Municípios, à União e ao Distrito Federal o estabelecimento de cultos religiosos ou igrejas, embarcar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes, relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público.

O artigo 150º, veda à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios a instituição de impostos sobre templos de qualquer culto (BRASIL, 1988, p. 17).

Com base nos artigos citados, percebemos que cada brasileiro tem a possibilidade de individual ou coletivamente, independente da matriz de sua religião, praticá-la sem correr riscos de retaliações. Neste sentido, podemos distinguir os conceitos de laicidade e laicista.

O artigo 3º da Constituição (BRASIL, 1988, p. 13) é bem explícito ao dispor que: “Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil construir uma sociedade livre, justa e solidária”, e isto não mudou, ou seja, agenciar o bem do seu povo e em termos comparativos, dentre os princípios da religião também está promover às pessoas bem-estar.

Apesar de sabermos que o Estado é laico, ou seja, não pertence a nenhuma ordem religiosa, não é raro nos depararmos com a presença de manifestações religiosas em escolas brasileiras (não estamos mencionando as escolas confessionais), não no sentido de a comunidade escolar expressar sua fé, mas a clara evocação de uma determinada religião na escola pública.

Não é novidade dizer que a escola foi historicamente colonizada pela religião católica, a começar por nomes que homenageiam seus santos, imagens, grutas que abrigam artigos de sua devoção nos pátios, frases bíblicas, orações específicas no início do dia letivo, realização de liturgias, que são apenas alguns dos muitos aspectos que demonstram esta colonização. Por outro lado, não se percebe a mesma presença de manifestação de outras religiões ou seitas<sup>14</sup>, neste caso, grupos que professam doutrinas diferentes das dominantes. A este respeito, Cunha (2013, p. 7), aponta que:

depois de ser, durante séculos, lugar de dominação católica, as escolas públicas brasileiras passaram a ser lugar de disputa entre crenças e seus respectivos cleros: padres, pastores, bispos e agentes leigos protagonizam uma disputa pela hegemonia, oculta ou aberta. Nessa luta, os perdedores permanecem os mesmos: os adeptos do espiritismo, das religiões afro-brasileiras e de credos minoritários.

Este estudo, não é um instrumento de combate à determinada religião, principalmente porque acreditamos na Constituição Brasileira de 1988, que garante que todo cidadão brasileiro deve ter direito de praticar seu credo religioso, mas, uma tentativa de tecer diálogos que considerem as mais diversas manifestações religiosas, principalmente no que tange seu proveito para promover a cultura da paz sem privilegiar nenhuma delas, mas pontuar o valor de todas e como podem contribuir para a tolerância e boa convivência entre as pessoas.

Pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - aponta que 64,6% da população brasileira se considera católica; paralelo a estes números, muitas outras religiões se apresentam nas mais variadas formas de cultos e manifestações e isto demonstra que o Brasil é um país religioso, assim, este é um assunto muito pertinente para se discutir.

---

<sup>14</sup>Grupo religioso de forte convicção, que surge em oposição as ideias e as práticas religiosas dominantes.



Apresenta-se, a seguir, uma tabela elaborada com base nos censos demográficos realizados pelo IBGE<sup>15</sup> nos anos 1960, 1980, 2000 e 2010, sendo que neste ano foi realizado o último censo até então, nos quais foi perguntado qual era a religião de uma amostra representativa da população adulta.

**Figure 1** Resposta à pergunta: “Qual é a sua religião?”

Respostas	1960	1980	2000	2010
Católica Romana	93,1 %	89,2%	73,6%	64,6%
Evangélica	4,0%	6,6%	22,2%	22,2%
Outra	2,4%	2,9%	5,2%	5,2%
Sem religião	0,5%	1,6%	8,0%	8,0%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: IBGE (2010).<sup>16</sup>

Apesar de verificarmos que há informações claras no quadro das religiões brasileiras, elas são substanciais, pois não podemos deixar de pontuar que as religiões não tradicionais e históricas como as de matrizes afro-brasileiras não foram delineadas, provavelmente incluídas na resposta “outras”. São claros traços de negação e, neste caso, não é um quadro real em sua totalidade.

Justiça, paz e solidariedade são temas essenciais a todas as religiões, mesmo assim, percebemos que nem sempre essas essências estão presentes nas relações de pessoas e grupos que professam crenças diferentes. Em casos extremos, guerras são promovidas em nome de Deus, o que contraria o princípio básico de qualquer religião, que é o amor. Por outro lado, intolerâncias, ainda que veladas, são comuns. Segundo Silva e Ribeiro (2007, p. 13):

um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente. Por muito tempo se procurou encontrar o que os grupos têm em comum. No entanto, descobriu-se que além de ter algo em comum, se faz necessário que a convivência se dê também pela diferença.

Neste sentido, é importante ressaltar que o bom exercício da vida em sociedade acontece também através da aceitação das diferenças com base no respeito, sempre partimos do princípio que não há a obrigatoriedade de compartilhar da fé e crenças das outras pessoas, mas há a necessidade

<sup>15</sup> Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010).

<sup>16</sup> Não foram encontradas fontes mais recentes destes dados, todas as citações disponíveis basearam-se no censo de 2010 do IBGE.

da boa convivência para promover e fortalecer a paz. Em nome da religião, a maldade humana pode vir à tona, mostrando sua capacidade para barbárie em nome de Deus; em contrapartida, pode também integrar as pessoas. Vejamos o que diz Boff (2002, p. 71) a este respeito:

as tragédias dão-nos a dimensão da inumanidade que somos capazes. Mas também deixam vir à tona o verdadeiro humano que habita em nós, para além das diferenças de raça, de ideologia e de religião. E esse humano em nós faz com que juntos choremos, juntos enxuguemos as lágrimas, juntos oremos, juntos busquemos a justiça, juntos construamos a paz e juntos renunciemos à vingança.

A religião não está reduzida ao espaço privado, dentro de suas congregações, templos e terreiros, ela é presente nos mais variados espaços públicos bem como nas mídias, podemos ver crucifixos, objeto representativo de religiões cristãs, nas paredes de órgãos públicos como prefeituras, feriados em devoção a algum santo católico, imagens e capelas em hospitais públicos, quadros de personagens bíblicos nas paredes das escolas e até mesmo o monumento do Cristo Redentor<sup>17</sup>, que é um claro símbolo de devoção da Igreja Apostólica Romana.

Antes de se tornar federal em 1963 e nomeada Universidade Federal de Lavras em 1994, a UFLA, fundada em 1908 pelo Dr. Samuel Rhea Gammon, antes Escola Agrícola de Lavras, passando então em 1938 a ser chamada Escola Superior de Agricultura de Lavras, já possuía em seu lema citação religiosa, sendo ela: “Dedicado à glória de Deus e ao Progresso Humano”<sup>18</sup>. Cento e onze anos depois, a Universidade conserva no monumento em frente à antiga Reitoria citações de orientação religiosa cristã, ou seja, um espaço público, onde há a representatividade de diversas religiões ainda sagra-se uma.

A qualquer hora do dia é fácil localizar canais televisivos com programações religiosas transmitindo cultos e missas, por outro lado, não é comum encontrarmos programação das religiões de matrizes afro, por quê? Em uma breve pesquisa<sup>19</sup>, conseguimos verificar diversos canais que exibem exclusivamente programação católica, como TV Canção Nova, emissora da Fundação João Paulo II, de conteúdo católico que passou a operar em 08 de dezembro de

---

<sup>17</sup> Instalado no alto do Morro do Corcovado na cidade do Rio de Janeiro, um dos pontos turísticos mais visitados e considerado uma das Sete maravilhas do mundo moderno.

<sup>18</sup> Disponível em: <<https://ufla.br/aceso-a-informacao/10-institucional/sobre-a-ufla/1-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>19</sup> Disponível em: <Busca realizada na internet e na grade de emissoras abertas e a cabo>. Acesso em: 23 jan. 2019.

1989 pela TVE do Rio de Janeiro, em 2017 se estabeleceu como a maior rede de televisão católica do Brasil<sup>20</sup>.

A TV Nazaré foi inaugurada no dia 11 de maio de 2002, sua pretensão inicial era “ser uma emissora católica que pudesse gerar programas locais de qualidade para evangelizar e educar o povo do Pará”<sup>21</sup>.

A Rede Vida, fundada em 20 de junho de 1995, é um canal de inspiração cristã, que possui em seus argumentos “compromissos morais e éticos, por sua vocação para o serviço, a valorização humana e social”. Consagrada a Nossa Senhora em Fátima e confirmada à dedicação no Santuário Nacional de Aparecida<sup>22</sup>.

A TV Aparecida, inaugurada no dia 08 de setembro de 2005, está, segundo a ANATEL, entre as 14 maiores redes de televisão em abrangência no Brasil. Apesar de conteúdos diversificados como culinária, saúde e esporte, seu maior objetivo é a celebração da fé e a religião católica<sup>23</sup>.

A TV Horizonte, foi criada em agosto de 1998 na gestão do arcebispo Dom Serafim Fernandes de Araújo, integra a Rede Catedral de Comunicação Católica da Arquidiocese de Belo Horizonte. Declara ser “uma emissora católica que faz da TV Horizonte um veículo de comunicação comprometido com os valores éticos e humanistas, uma TV que trabalha para levar ao público de Minas Gerais um conteúdo de qualidade que se diferencia pela promoção da cultura, da educação e do Evangelho”<sup>24</sup>.

A TV Imaculada Conceição, por intermédio do Frei Sebastião Benito Quaglio, foi fundada em 14 de novembro de 1987, tem como missão “anunciar Jesus Cristo e Seu Evangelho em sintonia com as orientações pastorais da Igreja Católica Apostólica Romana, cujo líder é o Papa, Bispo de Roma, seguindo o carisma mariano, missionário e kolbiano e como visão conquistar o mundo inteiro a Cristo pela Imaculada, utilizando todos os meios lícitos, principalmente os meios de comunicação social”<sup>25</sup>.

A TV Século XXI, com sede em Valinhos - SP, foi fundada em julho de 1999. Sua programação é voltada principalmente a aspectos relacionados à Igreja Católica<sup>26</sup>.

---

<sup>20</sup> Disponível em: <<https://tv.cancaonova.com/nossa-historia>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>21</sup> Disponível em: <<http://www.fundacaonazare.com.br>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>22</sup> Disponível em: <<https://www.redevida.com.br/a-redevida>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>23</sup> Disponível em: <<https://www.a12.com/tv/historia-tv-aparecida>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.tvhorizonte.com.br/tv-horizonte>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>25</sup> Disponível em: <<http://www.miliciadaimaculada.org.br/quem-somos>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.tvseculo21.org.br/tv/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

Também encontramos canais de conteúdo evangélico, como a Rede Super, com sede em Belo Horizonte, fundada em 1997 e pertencente à Igreja Batista da Lagoinha desde 2000. A emissora tem sua programação voltada principalmente para os cristãos, sua missão é ser um referencial de comunicação cristã no Brasil e no mundo, transformar a sociedade através da transmissão e da prática dos princípios cristãos<sup>27</sup>.

A Rede Boas Novas foi fundada em 15 de março de 1993. Pertencente ao pastor Samuel Câmara, tem sua sede no Rio de Janeiro. Seu conteúdo é unicamente evangélico. Tem uma proposta de uma “programação versátil e diferenciada para toda a família, com padrão de qualidade, baseada em valores construtivos e educativos”<sup>28</sup>.

A TV Novo Tempo, pertencente à Igreja Adventista do Sétimo dia, surgiu em 1996 pelo Sistema Adventista de Comunicação, com sede em nova Friburgo, no Rio de Janeiro<sup>29</sup>.

Fundada em 1999, a TV RIT - Rede Internacional de Televisão – é sediada no Rio de Janeiro. Pertence à Fundação Internacional de Comunicação, grupo midiático da Igreja Internacional da Graça de Deus, liderada pelo missionário R. R. Soares. Tem por objetivo “oferecer uma programação alternativa de qualidade preocupando-se em levar para o seu público uma programação com conteúdo diversificado. Repletos de credibilidade, os programas são pautados por um padrão ético e sempre priorizam a excelência do produto que chega até a casa dos telespectadores”<sup>30</sup>.

Além das Redes citadas, existem muitas outras, no entanto, não nos deparamos com nenhum canal de conteúdo exclusivamente de religiões afro-brasileiras, alguns canais, como a TV Cultura e TV Brasil, apresentam esporadicamente programas relacionados ao tema como, por exemplo, o Programa Mojubá – o Candomblé e sua História, exibido pela TV Brasil, no dia 20/05/2017, detalhe, às 03:00 da manhã.

Segundo a publicação do Jornal Observatório da Imprensa do Informe de Acompanhamento de Mercado de TV Aberta publicado pelo Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual (OCA), da Ancine - Agência Nacional do Cinema - no final de junho de 2017, o gênero que mais ocupou as grades de programação em 2012 foi o religioso, responsável por 13,55% do tempo médio das grades, com destaque para a Rede TV (38,08% do tempo dedicado ao gênero religioso), Rede CNT (36,67%), e Record (23,33%). Numa breve verificação da grade

<sup>27</sup> Disponível em: <<http://redesuper.com.br/a-rede-super/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>28</sup> Disponível em: <<https://boasnovas.tv/institucional/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>29</sup> Disponível em: <<http://novotempo.com/tv/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

<sup>30</sup> Disponível em: <<http://www.rittv.com.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2019.

destas emissoras, foi fácil verificar a ausência da representação das religiões africanas. Em uma análise da grade do Programa Café Filosófico da TV Cultura, por exemplo, que diz que seu objetivo é compartilhar as ideias de grandes pensadoras e pensadores contemporâneos, não foi encontrado nenhum programa que abordasse as religiões de matriz afro-brasileira entre os anos de 2013 e 2017.

Talvez este fenômeno da ausência da representatividade das religiões de matriz afro e não europeias na mídia de uma forma geral, aponte para pré-conceitos que geram preconceitos e um afastamento das religiões “não tradicionais”. Precisamos falar sobre isso. É o que discutiremos no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### 1 A RELIGIÃO COMO CULTURA

Falar de religião é transitar por um caminho entre a fé e a razão. É estar aberto para diferentes significados de uma mesma palavra, que assume dessemelhantes formatos concernentes a cada tipo de crença. É saber distinguir religião de religiosidade e de espiritualidade<sup>31</sup>.

O filósofo e professor de Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Luiz Felipe Pondé, no Canal do YouTube “Teologia Integrativa”, publicado em 11 de novembro de 2013, disse que “um dos assuntos preferidos nas mesas de jantares é falar mal da religião, pontuar o quanto são atrasadas e opressoras e assim, destruir a fé é um passatempo de intelectuais cheios de razão”. Em contrapartida, sabemos que uma grande parte da população mundial é religiosa e trazendo mais para perto, o Brasil, como já apontado no capítulo anterior, é um país de fé.

Vamos debruçar neste momento sobre o que é religião para o atual Dalai Lama Tenzin Gyatso e Leonardo Boff. Começemos por Dalai Lama (2000, p. 32):

julgo que a religião esteja relacionada com a crença no direito à salvação pregada por qualquer tradição de fé, crença esta que tem como um de seus principais aspectos a aceitação de alguma forma de realidade metafísica ou sobrenatural, incluindo possivelmente uma ideia de paraíso ou nirvana. Associados a isso estão ensinamentos ou dogmas religiosos, rituais, orações, e assim por diante.

Dalai Lama, líder religioso budista respeitado mundialmente, não resume a religião em sua própria crença e prática, fala sobre “qualquer tradição e fé”. Para ele, a religião é o amor e compaixão, é responsabilidade pelos semelhantes e uma vida de despojamento para acolher a todos. Isso nos direciona a acreditar no diálogo e não no gladiar entre elas.

Agora, prossigamos com o teólogo e professor Leonardo Boff (2001, p. 23):

nós conhecemos as religiões, pois, tal como acontece com a linguagem, nós habitamos as nossas religiões. E elas são edifícios culturais grandiosos. Primeiro, porque toda religião promete ao ser humano salvação, defende a vida e nos abre à eternidade. Depois, porque ela mostra o caminho para chegar a esta eternidade, que é o caminho da reta doutrina e da retidão da vida. As religiões todas fornecem assim uma visão sobre Deus, sobre o céu, sobre quem é o ser humano e o que deve fazer neste mundo. Elaboram doutrinas e apontam caminhos para a luz.

---

<sup>31</sup> Cf. Luc Ferry Aprender a viver: filosofia para os novos tempos, que nesta obra discute com muita propriedade a questão da religião.

Assim como Dalai Lama, Boff não mencionou como única verdadeira a sua própria prática religiosa que é declaradamente a católica, ele diz que “as religiões fornecem uma visão sobre Deus”. Esta fala aponta mais uma vez para a possibilidade da interlocução entre as religiões, o que resolveria boa parte dos conflitos de ordem religiosa entre as pessoas que professam fés diferentes entre si.

Então o que é religião? Seguindo os conceitos dados por Dalai Lama e Boff, religião é o padre que distribui a hóstia aos fiéis na hora da eucaristia, é o mergulho no Rio Ganges para purificação dos pecados, cura de doenças e proteção de um hindu, é o afundar nas águas batismais auxiliado por um pastor para morte da antiga vida e ressurreição para uma nova, é o despacho para o Exu realizado pela mãe ou pai de santo no terreiro, é o acender das velas e fazer orações em frente a uma imagem de Buda, é usar o Kipá durante as celebrações na sinagoga, é consumir a ayahuasca durante uma cerimônia do Santo Daime, são tantas outras manifestações e ritos.

A religião está ligada a outro conceito, o da espiritualidade, e sobre isso Dalai Lama (2000, p. 33) também discorre:

considero que a espiritualidade esteja relacionada com aquelas qualidades do espírito humano tais como amor e compaixão, paciência, tolerância, capacidade de perdoar, contentamento, noção de responsabilidade, noção de harmonia - que trazem felicidade tanto para a própria pessoa quanto para os outros. Ritual e oração, junto com as questões de nirvana e salvação, estão diretamente ligados à fé religiosa, mas essas qualidades interiores não precisam estar. Não existe, portanto, nenhuma razão pela qual um indivíduo não possa desenvolvê-las, até mesmo em alto grau, sem recorrer a qualquer sistema religioso ou metafísico. É por isso que às vezes digo que talvez se possa dispensar a religião. O que não se pode dispensar são essas qualidades espirituais básicas.

Para Dalai Lama, em suma, a espiritualidade é aquilo que produz dentro do ser humano, mudança, que faz dele alguém melhor capaz de conviver com os outros em harmonia, estabelecendo uma atitude de misericórdia, paz e respeito. Este conceito vai além da religião, pois as pessoas são capazes de ter religião e não terem espiritualidade partindo do significado atribuído pelo líder. Podemos exemplificar isto, citando o atentado que aconteceu contra a igreja copta Mar Girgis, na cidade de Tanta, no Egito, no dia 09 de abril de 2017<sup>32</sup>, onde práticas terroristas em nome de uma fé religiosa deixaram 45 mortos.

---

<sup>32</sup>Reportagem completa disponível em: <<http://veja.abril.com.br/mundo/atentado-contra-igreja-no-egito-deixa-22-mortos/>>.

Poderíamos citar inúmeros exemplos como este, pois não são raros, aliás, estão cada dia mais comuns, realizados não só por grupos radicais no Islamismo, mas também reivindicados por outras religiões.

Por sua vez, Boff (2001, p. 18) diz que a espiritualidade é uma dimensão do humano, vejamos:

hoje a singularidade do nosso tempo reside no fato de que a espiritualidade vem sendo descoberta como dimensão profunda do humano, como o momento necessário para o desabrochar pleno de nossa individuação e como espaço da paz por meio dos conflitos e desolações sociais e existenciais.

Na perspectiva de Boff, a espiritualidade não é conexa apenas com a relação interpessoal, mas, também, intrapessoal, é um espaço de paz não só com os outros, mas, dentro de si mesmo, estabelecendo um equilíbrio diante dos conflitos extremos, mas também interiores no ser humano. É dialogar consigo mesmo e encontrar um lugar de descanso interior.

É bom salientar que Boff (2001, p. 28) faz outras interessantes observações acerca de religião e espiritualidade, vejamos, a seguir, quais ponderações são estas:

as religiões constituem umas das construções de maior excelência do ser humano. Elas todas trabalham com o divino, com o sagrado, com o espiritual, mas elas não são o espiritual. Espiritualidade é outra coisa. As religiões podem se substantivar e se autonomizar, articulando os poderes religiosos com outros poderes, no jogo nem sempre claro de interesses. Houve épocas no Ocidente em que o poder sagrado detinha a absoluta dominação, pondo e depondo reis, promovendo guerras e impondo pacificações. Esses séculos de alianças entre trono e altar, mas sob a hegemonia do altar, talvez tenham sido os séculos da maior violência que o Ocidente já conheceu: a violência religiosa, feita em nome de Deus, queimando dois milhões de bruxas, silenciando e supliciando milhares de pessoas na Inquisição e promovendo guerras religiosas de alta devastação. Ao substantivar-se e institucionalizar-se em forma de poder, seja sagrado, social, cultural e militar (como nos Estados Pontifícios de outrora), as religiões perdem as fontes que as mantêm vivas – a espiritualidade.

A conduta direcionada pela religião descrita por Boff denota a um afastamento do homem do verdadeiro sentido da religião, ou seja, no lugar de pessoas carismáticas, pacificadoras e espirituais, praticantes do bem para si e para os outros, formam-se burocratas do sagrado<sup>33</sup>, autoridades eclesiais que subjagam o povo, líderes que promovem a subserviência, resultando na mediocridade, fiéis acomodados, um vazio pessoal e indiferença ao coletivo.

---

<sup>33</sup> Ler mais sobre, no livro “Espiritualidade, um caminho de transformação” de Leonardo Boff (2001, p. 29).



Neste sentido de morte ao espiritual e proclamação do controle através da religião, Boff (2001), em uma pequena sentença, faz uma grande declaração: “as instituições religiosas podem tornar-se, com seus dogmas, ritos e morais, o túmulo do Deus vivo”.

As religiões apregoam não só a espiritualidade, mas direcionam a práticas e éticas, ou seja, comportamentos. Mas, quais práticas são estas que cada religião conduz a seus fiéis?

Quem sou? De onde vim? Para onde vou? São as questões existenciais que contemplam indagações feitas pelas pessoas que buscam nas religiões, em algum momento, encontrar estas respostas, é a necessidade de se orientar diante da vida. Comer, beber, vestir-se (ou não), relacionar com o outro, respirar, não são as únicas necessidades do ser humano, se localizar no mundo e no espaço, se descobrir enquanto originado em ou de algum lugar/coisa/pessoa, faz parte da alteridade do homem/mulher.

De uma forma geral, as questões existenciais são a base das religiões, o início de todas elas. Como não será possível mencionar todas, até mesmo porque algumas ainda são desconhecidas pelos grupos que não as praticam, vamos selecionar as principais religiões praticadas no mundo (principais não no sentido de mais importantes, mas, com mais adeptos) e duas outras praticadas no Brasil. Serão elas: o Cristianismo, Hinduísmo, Judaísmo, Budismo, Islamismo e o Candomblé, igualmente pontuando suas ramificações.

## 1.1 Cristianismo

O cristianismo é uma religião histórica e possui a Bíblia como regra de fé e prática; este é o livro mais lido do mundo em toda a história da humanidade. A teoria apregoada pelos cristãos tanto católicos como protestantes é a criacionista, ou seja, Deus é o criador do céu e da Terra e tudo que nela há. O ápice da criação foi o primeiro homem, chamado de Adão do qual originou a primeira mulher, chamada de Eva. Para os cristãos, a Terra foi criada em seis dias e, no sétimo, o criador descansou.

De crença monoteísta, afirmam que não há nenhum outro Deus além do criador, e que Jesus Cristo é o filho de Deus e salvador dos homens comparado a um cordeiro que tira o pecado do mundo, analogia proveniente das práticas sacrificiais cristãs descritas no Antigo Testamento (Torá).

O cristianismo proclama que Deus se tornou homem. Isso significa que Deus intervém ativamente na batalha entre o bem e o mal no mundo. Ele repara o dano causado ao relacionamento entre os homens, e entre Deus e os homens. O homem é libertado de seus grilhões e curado daquilo que o aflige. Portanto, o sofrimento, a morte e a ressurreição de Jesus dá ao cristão uma nova vida,

uma vida eterna. A cruz é o símbolo mais importante do cristianismo. Os quatro evangelhos dão grande peso aos acontecimentos dos dias imediatamente anteriores e posteriores à morte de Jesus. A teologia de Paulo também se concentra na crucificação e ressurreição de Jesus. É o Jesus crucificado que é o redentor dos seres humanos (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 179).

Os cristãos também acreditam na trindade Pai (Deus), Filho (Jesus Cristo) e Espírito Santo (O Consolador). E possuem como prática o batismo, mais comum na infância para os católicos e, quando mais velhos (idade da razão) para os protestantes.

O catolicismo romano, ou seja, a Igreja Católica Romana é a maior de todas as igrejas e possui como líder maior o Papa, além de, em posições de liderança, padres e bispos.

Os sacramentos são sete e devem ser seguidos por todas as pessoas católicas, sendo eles: batismo, crisma, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio.

## 1.2 Hinduísmo

O hinduísmo é uma religião que surgiu na Índia, no entanto, tem muitos adeptos em outros países como Nepal, Bangladesh e Sri Lanka. Em 1947 a Índia se tornou uma república independente, com uma constituição que garantia direitos iguais para todas as religiões e proibia qualquer forma de discriminação baseada em religião, raça, casta ou sexo. Cerca de 80% da população da Índia é hinduísta, 10% muçulmana e 4% cristã.

Diferentemente das outras religiões mundiais (budismo, cristianismo e islã), o hinduísmo não tem fundador, nem credo fixo nem organização de espécie alguma. Projeta-se como a "religião eterna" e se caracteriza por sua imensa diversidade e pela capacidade excepcional que vem demonstrando através da história de abranger novos modos de pensamento e expressão religiosa. A palavra *hinduísta* significa simplesmente "indiano" (da mesma raiz do rio Indo), e talvez a melhor maneira de definir o hinduísmo seja dizer que é o nome das várias formas de religião que se desenvolveram na Índia depois que os indo-europeus abriram caminho para a Índia do Norte, de 3 a 4 mil anos atrás (HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000, p. 42).

No hinduísmo, as pessoas são separadas por castas, ou seja, um sistema de classes que estão diretamente ligadas às profissões e posições sociais. Cada casta possui suas regras, como por exemplo, um sistema de arranjos matrimônios, o tipo de alimento que pode ser ingerido, a conduta e práticas religiosas.

Uma religião politeísta, mas que possui como um de seus elementos mais sagrados a vaca, que é adorada durante festas específicas. Ela se tornou um símbolo da vida e matar uma

vaca na Índia é proibido. Dois de seus deuses é Vishnu e Krishna. A salvação para os praticantes desta religião está relacionada como o carma. Um homem pode alcançar a salvação cumprindo seu propósito fielmente.

### 1.3 Judaísmo

A palavra *judeu* vem de *Judéia*. A religião é chamada ainda de "mosaica", pois tem Moisés como um de seus fundadores. Religião monoteísta, baseia suas crenças nas histórias bíblicas. Seus cultos são prestados nas sinagogas pelo líder denominado sacerdote.

Historicamente, um povo perseguido, mas que seguramente viveu seus piores tempos na Alemanha entre 1933 e 1945 durante o regime nazista comandado por Adolf Hitler. Estima-se que seis milhões de judeus foram mortos neste período.

Uma das crenças no judaísmo é a vinda do Messias, o salvador, aquele que virá para trazer a paz, outros já acreditam na "era messiânica", ou seja, não em uma pessoa, mas em um tempo de paz na Terra e Israel desempenharia um papel muito importante neste processo.

O credo judaico consiste na seguinte fala: "Ouve, ó Israel: Iahweh nosso Deus é o único Iahweh!", frase proclamada pelos judeus todas as manhãs e noites durante toda a vida. O judaísmo dá proclama à generosidade, hospitalidade, boa vontade para ajudar, honestidade e respeito pelos pais e um princípio fundamental é: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

### 1.4 Budismo

O fundador do budismo foi o filho de um rajá, Sidarta Gautama (560-480 a.C.), que viveu no Nordeste da Índia. Embora o budismo tenha se originado na Índia e sob esse aspecto possa ser considerado uma religião indiana, pouco resta do budismo na Índia de hoje; ele é mais difundido no Sri Lanka e no Sudeste da Ásia. Entretanto, o budismo também tem uma longa e importante história na China, na Coreia e no Japão. Excluindo a China, estima-se que quase 200 milhões de pessoas professam a fé budista.

No budismo existem cinco mandamentos básicos como regras de conduta, são eles: não fazer mal a nenhuma criatura viva; não tomar aquilo que não lhe foi dado; não se comportar de modo irresponsável nos prazeres sensuais; não falar falsidades e não se entorpecer com álcool ou drogas.

O budismo cresceu dentro do hinduísmo e tem como semelhança a doutrina da salvação, do carma e do renascimento. Uma das práticas dentro do budismo é a meditação, um encontro consigo mesmo, baseado no silêncio e na reflexão. A salvação está relacionada ao estado de perfeição, enquanto isso, vai-se reencarnando até por fim conquistar o nirvana, ou seja, o descanso eterno sem mais renascimento.

De nada mais posso dizer: 'Isto é meu' ensinava Buda, e de nada posso dizer: 'Isto sou eu'. Ambas as coisas são ilusões. Não há um núcleo imutável da personalidade, não existe um "eu", um ego. Tudo é constituído de fatores existenciais impessoais que formam combinações fadadas a decair. Tudo é transitório (BUDA citado por HELLERN; NOTAKER; GAARDER, 2000).

## 1.5 Candomblé

Sabemos que diversos povos africanos desembarcaram no Brasil para trabalhar nas lavouras, engenhos de açúcar, extração de ouro, etc., juntamente com estes povos vieram seus costumes, línguas, crenças, valores e deuses. Havendo um grupo dominante, os povos recém-chegados se viram obrigados a prestar seus cultos muitas vezes secretamente, mas, ainda assim, encontraram estratégias para continuarem a praticar seus ritos, reelaborar seus mitos e sistemas religiosos, ainda que para isso fosse necessário um sincretismo.

Candomblé, umbanda, xangô pernambucano, batuque gaúcho, tambor de mina maranhense, os cultos afro-ameríndios assemelhados no norte e nordeste (jurema, toré, catimbó, babassuê e pajelança) são religiões resultantes dos diálogos entre a cultura africana e dos povos indígenas recém conhecidos. Segundo o dicionário Falares africanos na Bahia, de Yeda Pessoa de Castro (2001, p. 196), a palavra “candomblé” vem de Kandombele, cujo significado é “rezar” ou “pedir pela intercessão dos deuses”.

Há pelo menos três padrões rituais específicos ou nações de candomblé existentes no Brasil, a saber: o candomblé de raiz angola-congo; o jeje, de procedência daomeana, e por último, o candomblé de procedência iorubá (em suas variantes queto, ijexá, efã, batuque gaúcho, e xangô pernambucano), que teve origem entre os nagôs, africanos escravizados no Brasil, vindos da antiga Costas dos Escravos. Área correspondente aos litorais do Congo, Benin e Nigéria. No primeiro, cultuam-se deuses chamados inquices, no segundo, os voduns e, no terceiro, os orixás (SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 12).

No candomblé são venerados dezesseis orixás, cada um com suas características e histórias. Eles possuem personalidades, atributos, sentimentos e paixões humanas,

comportamentos que também estão associados a locais e elementos e forças da natureza como água e fogo e desempenham atividades humanas como caça e guerra. São sincretizados com santos católicos que podem variar conforme a região.

A umbanda é uma religião oriunda do candomblé, da pajelança e do espiritismo Kardecista, no entanto, brasileira. O primeiro templo surgiu no início do século XX no Rio de Janeiro, mais especificamente em Niterói. Seu culto é baseado na veneração de entidades afro-brasileiras que foram banidas das associações espíritas que veneravam Kardec e que desprezavam as tradições herdadas dos povos vindos da África (GIUMBELLI, 2002).

Quando falamos em religião é certa a impossibilidade de contemplar a todas, mas, podemos dizer que cada praticante percebe sua fé como a genuína e aquela que produz respostas para as indagações pessoais e promovem um encontro interior. Não é raro pessoas proclamarem suas crenças a outras, a fim de convertê-las. São tantos os caminhos, qual deles seguir? Vejamos esta parábola:

um homem que buscava o caminho da espiritualidade, chegou ao sopé da Montanha da Verdade e quis saber qual era o caminho que o levaria à iluminação. Para cada homem santo a quem perguntava, obtinha uma resposta diversa. Depois de muito pensar, decidiu-se por um caminho e se convenceu que aquele era o único caminho que o levaria ao topo da Montanha. Depois de algum tempo, quando chegou lá, o homem olhou para baixo e viu que os caminhos que levavam ao topo, eram tantos, quantos eram as almas que procuravam a Montanha (Parábola Zen-budista).

Esta parábola sinaliza que o caminho para a espiritualidade pode ser realizado por diferentes tradições, como por exemplo, a tradição ocidental sempre na perspectiva da exterioridade ou na tradição oriental sempre na perspectiva da interioridade.

## 1.6 Islamismo ou Islã

A palavra *islam* é de origem árabe e significa submissão, o que traduz bem a crença em que o homem deve entregar a Deus sua vida e submeter-se à sua vontade. Sua origem se deu na Arábia e está intimamente ligada à sua cultura. Seu fundador foi Maomé, também chamado de Mohammed ou Mohammad, nascido em Meca no final do século VI, lugar que hoje é sagrado e deve ser visitado por todo muçulmano, que são aqueles que praticam o islamismo pelo menos uma vez durante a vida.

Assim como para os cristãos a Bíblia é o livro sagrado, para os muçulmanos, o Corão ou Alcorão é o livro sagrado formado por 114 capítulos (suras) que contêm as revelações

dadas por Deus a Maomé quando completou quarenta anos enquanto meditava em uma caverna em uma montanha nos arredores de Meca.

O credo islã parte está resumido na seguinte declaração de fé: “Não há deus senão Alá e Maomé é seu profeta”. Além desta declaração, há uma frase igualmente importante e proclamada pelos muçulmanos, vejamos o que Gaarder (1989, p. 140) nos diz a este respeito:

uma expressão islâmica corrente, que é sempre repetida no chamado às preces, é "Alá huAkbar": "Deus é o maior", ou "Deus é maior". Entre outras coisas, isso significa que Deus é maior do que qualquer coisa que possamos compreender. Ele não pode ser comparado com as pretensões humanas. Não pode ser assemelhado a nada, e não há ninguém que seja seu igual.

Ainda segundo Gaarder (1989, p. 141), o islã tem conquistado muitos adeptos e crescido significativamente para além das fronteiras de seu país de origem, vejamos;

O islã está amplamente difundido em vastas regiões da África e da Ásia, e é praticado por uma sétima parte da população do mundo (por volta de 15%). Atualmente é a segunda maior religião do planeta depois do cristianismo, e grandes levas de imigrantes asiáticos e africanos o transformaram também na maior religião de minorias étnicas na Europa.

Para os muçulmanos, existem 5 obrigações religiosas, chamadas de pilares, são elas: o credo, a oração, a caridade, o jejum e a peregrinação a Meca. É o que apresentamos na tabela abaixo de forma sintética.

**Figure 2** Os Pilares do Islã

Credo	É constituído pela declaração já mencionada anteriormente: “Não há Deus senão Alá e Maomé é seu profeta”. Esta é a primeira coisa que um recém-nascido deve ouvir e a última de um moribundo.
Oração	É realizada cinco vezes ao dia em horários fixos e já determinados, todo muçumano em qualquer parte do mundo deve parar qualquer atividade que esteja fazendo, se ajoelhar voltado para Meca e orar. Nas mesquitas, local de reunião para oração e estudo do Alcorão, ouve-se o chamado para a oração, em geral, uma gravação que diz: “Alá é Grande, não há outro Deus senão Alá. E Maomé é seu profeta. Vinde para a oração, vinde para a salvação, Alá é Grande, não há outro Deus senão Alá”.
Caridade	Consiste em um imposto sobre a riqueza e propriedade fixadas em 2,5%, segundo Maomé, ela deve ser tirada dos ricos e dada aos pobres, descrita no alcorão como um dever dado por Deus.

Jejum	O consumo de carne de porco é proibido pelo Alcorão assim como o álcool. O <i>Ramadan</i> é o grande jejum praticado pelos muçumanos, ele acontece no nono mês do ano lunar, entre o nascer do sol e o pôr do sol, é proibido beber, comer, fumar e ter relações sexuais. Este mês foi escolhido por ter sido nele que Maomé teve a primeira revelação.
Peregrinação a Meca	Todo muçumano adulto que tenha condições financeiras, deve pelo menos uma vez durante a vida visitar Meca, lugar que abriga o mais antigo santuário islã, a Caaba. Para os islâmicos, Meca e a Caaba são o centro do mundo. Quando os peregrinos se aproximam da cidade de Meca devem estar vestidos de branco e a partir daí vários rituais são realizados.

Fonte: Giumbelli (2002).

As informações citadas sobre as religiões acima, foram pesquisadas e abstraídas do livro “O Livro das Religiões”, escrito por Victor Hellern, Henry Notaker e Jostein Gaarder que investigam várias formas de religiosidade destacando suas diferenças e semelhanças, pontua os diferentes cristianismos e muitas denominações protestantes, nos apresenta vários deuses africanos, define judaísmo, espiritismo e islamismo. Percorre por várias religiões orientais, descreve e caracteriza os fundamentos próprios de cada fé, nos dando um vislumbre importante para compreendermos a fé e a religiosidade do outro.

## CAPÍTULO 3

### 1 DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E A EDUCAÇÃO

Percebemos no capítulo anterior que há uma grande diversidade religiosa no Brasil, religiões estas que possuem muitas diferenças entre si, mas um ponto em comum: a busca pela paz. Quando falamos em paz, podemos retomar o conceito desenvolvido pela UNESCO, na resolução A/RES/53/243 (UNESCO, 1999), “a cultura da paz constitui-se dos valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos, em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis”. Neste sentido, viver uma cultura de paz é recusar e repudiar todas as formas possíveis de violência contra o outro e contra si mesmo, promovendo o princípio do direito à liberdade, solidariedade, justiça e tolerância.

A paz é um conceito a ser aprendido desde a infância; as pessoas precisam entender o que isso significa para crescerem adultos que prezem pela boa convivência e repudiem a violência contra o outro e contra si mesmo. Esta, no entanto, não é uma tarefa fácil, visto que atos violentos são presenciados e divulgados todos os dias, o que já não é tão comum quando se fala em divulgação e valorização de atos de paz. Assim nos dizem Matos e Nascimento (2006, p. 27) a este respeito:

refletir sobre a desnaturalização dos conceitos de paz e violência, é tarefa que requer esforço, tendo em vista que muitas práticas violentas são disseminadas, cotidianamente, em especial pelos meios de comunicação. O mesmo não ocorre quanto a divulgação da paz, que precisa ser ensinada e aprendida socialmente. É fundamental, então, “criarmos” a paz a partir dos nossos desejos e ações.

A convivência pacífica é um esforço individual que se estende ao coletivo, propiciando uma boa convivência mesmo diante das diferenças e como é nosso interesse neste momento, principalmente as diferenças religiosas. Por sermos um povo religiosamente tão plural, é necessário um diálogo entre as religiões de forma que a fé não se torne pretexto para estranhamentos entre as pessoas.

A religião, como diz Leonardo Boff, “pode fazer o bem melhor e também o mal pior”. Isto, porque muitas pessoas não conseguem conviver com crenças que divergem das suas, protagonizando verdadeiras guerras de ofensas, críticas negativas, desvalorização da fé alheia e demonização principalmente das religiões de matriz afro, como se observa cotidianamente nos noticiários. Estas são ações incoerentes visto que o fundamento de toda religião é o amor.



Qual seria então a justificativa para a intolerância muitas vezes claramente expressa entre os praticantes de religiões diferentes? A falta de conhecimento e de aproximação entre as religiões pode ser uma explicação plausível para estes estranhamentos, uma vez que a visão dogmática de afirmação de suas próprias crenças e valores inviabiliza a abertura aos valores e às manifestações de outras matrizes culturais. É corriqueiro ser resistente a aquilo que se desconhece. Boff (1998) diz que “Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão do mundo”.

Aproximar seria um dos caminhos para a tolerância, a boa convivência e a valorização da cultura de paz. Tentar ver como o outro vê, não no sentido de permanecer com a visão do outro, mas pelo tempo suficiente de compreender aquilo que o outro vê.

Pensando nesta perspectiva, a de permitir a aproximação do outro e também a de ir até o outro, nos arremetemos a outra fala de Boff, que nos ajuda a nos completarmos como seres humanos.

Hoje nos encontramos numa fase nova na humanidade. Todos estamos regressando a casa Comum, à Terra: os povos, as sociedades, as culturas e as religiões. Todos trocamos experiências e valores. Todos nos enriquecemos e nos completamos mutuamente (BOFF, 2009, p. 9).

Assim, indagações podem nos ajudar neste processo de aproximação, alteridade, empatia e respeito no convívio. Como nos completarmos mutuamente se nos distanciamos uns dos outros por nossas diferenças religiosas? Como trocamos experiências quando as diferenças nos afastam? Como compartilharmos valores se não permitirmos nos conhecer para além daquilo que nos difere? Como promovermos a cultura de paz se gladiamos uns com os outros por nossas individualidades, ideologias, valores, política, filosofia, preferências e todas as especificidades que nos compõem? Não seria possível, as ações devem ser coerentes com os discursos e se nas religiões se prega a paz, não faz sentido vivermos em “guerra” pela fé ou em nome dela.

As religiões, na prática dos seus fundamentos, podem contribuir para uma Cultura de Paz, quando os valores de suas práticas e prédicas estão em sintonia com a ideia de amorosidade e acolhimento, são praticadas para além dos formalismos doutrinários. Nesse sentido, as diferentes expressões religiosas deveriam promover a Cultura da Paz a partir de seus toques de unidade, a saber: a paz, o respeito, o amor e a justiça, ao invés de estabelecer divisões a partir de suas divergências pontuais. Não estamos nos referindo apenas às guerras declaradas, sejam elas entre grupos rivais, Guerras Santas ou algo deste nível, estamos

falando de algo mais pessoal, mais íntimo, mais próximo, como viver bem com aqueles que estão ao nosso lado no trabalho, na escola, no mercado, na igreja, na praça, nas filas.

Não seria mais seguro viver em uma sociedade onde se prezasse pela paz, tolerância, respeito, cordialidade, nobreza, gentileza e igualdade? Não deveria ser a religião protetora de todas estas boas formas de viver com integridade? Quando falamos de paz, estamos falando sobre a não violência, não só contra as religiões, mas, também, contra mulheres, crianças, animais e todos os tipos de violências que existem.

A vida plena, do ponto de vista das religiões, se constitui não apenas de alimento, saúde, abrigo e educação, mas também de sentido, ou seja, de aspectos simbólicos manifestados em rituais e sacramentos constituidores de uma cultura de paz. A religião pode contribuir para a Cultura de Paz à medida que transporta seus fiéis a uma conduta ética pacífica e pacificadora, de forma que o outro tenha o mesmo valor que eu.

A consolidação dos Direitos Humanos, não acontece apenas quando se tem garantida a educação, saúde, moradia, lazer, mas também a prática de ações que eduquem para a boa convivência entre os sujeitos, o enfrentamento de todos os tipos de violência, sejam elas simbólicas ou físicas, combate a todo tipo de discriminação e preconceitos e a não aceitação da violação dos direitos humanos e da dignidade humana.

Nenhuma religião pode reivindicar para si exclusividade da verdade, pois como já nos advertia o Papa João XXIII, no Concílio Vaticano II, "As sementes do Verbo estão em todas as culturas", portanto, não se pode considerar absoluta nossas lentes e visões de mundo e religiosa, nossos conceitos e práticas. O que nos arremete ao conceito de cosmovisão, descrito no primeiro capítulo. Neste sentido, há a possibilidade de intercâmbio inter-religioso para fortalecer os laços entre as pessoas de diferentes crenças de forma que haja uma busca permanente para consolidação da Cultura de Paz.

A Constituição Federal de 1988 prevê a educação como um bem público e um direito garantido a todo brasileiro (BRASIL, 1988). A organização educacional do país é realizada para a formação intelectual, mas, também, para a formação do cidadão, neste sentido, uma educação cujo alvo é a cidadania. Para o atendimento desta demanda, o espaço escolar foi constituído. Na escola é onde acontece a educação formal e sistematizada, proporcionando aos alunos acesso ao conhecimento técnico-científico, mas, além disso, é ou deveria ser o local de aprendizagem de como viver bem em grupo.

A Matriz Curricular da Educação Básica é composta pelas disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira, Ciências, Matemática, História, Geografia, Arte, Educação

Física e Ensino Religioso, mas, de todas elas, apenas a disciplina Ensino Religioso é citada na Constituição. Artigo 210 lê-se, “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Para atender a esta previsão da Constituição, foi estabelecido o artigo 33 da Lei n. 9.394/96, a lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (BRASIL, 1996).

Na redação do artigo 33, em sua versão original, eram previstas duas modalidades de Ensino Religioso: a confessional e a não confessional. A este respeito, diz Giumbelli (2011, p. 262):

no primeiro, as diferenças religiosas assumidas pelos alunos – ou por responsáveis - serviam como critério para a definição de conteúdos curriculares e de requisitos docentes. No segundo, procurar-se-ia contemplar a diversidade religiosa por meio de um conteúdo comum, que serviria de referência para o trabalho dos professores.

O autor segue explicando que o modelo não confessional se subdivide em vários outros modelos, vejamos:

na verdade, o que seria o modelo não confessional, não designa uma configuração tão precisa quanto a primeira, daí a multiplicação dos termos para denominá-lo, quando esta denominação existe: interconfessional, supra - confessional, não confessional, ecumênico, inter-religioso... Considerando o conjunto dos estados brasileiros, tem predominado o modelo não confessional nos marcos regulatórios (GIUMBELLI, 2011, p. 262).

A redação atual do artigo 33 da Lei n. 9.394/96, a lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional cortou estas duas modalidades e acrescentou ser o Ensino Religioso “parte integrante da formação básica do cidadão” (BRASIL, 1996).

Ainda que prevendo o Ensino Religioso nas escolas de Educação Básica, a Constituição não determinou o conteúdo a ser ensinado nela, delegando aos sistemas de ensino esta responsabilidade, bem como as normas para habilitação e admissão de professores.

Assim diz Carneiro e Alexandria (2008) a este respeito:

[...] a partir da promulgação da alteração do artigo 33 da Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional que o ensino religioso se constituiu em foco de discussão e pesquisa em âmbito nacional, envolvendo lideranças de denominações religiosas, comunidade acadêmica, e de diferentes sistemas de ensino em nível estadual, todos diretamente atingidos pelo dispositivo legal. O que transformou a polemica em um campo de disputa permanente sendo que poucas vezes uma matéria constitucional passou a ter interpretações tão distintas em nível estadual.

Ao permitir que cada estado estabeleça os conteúdos a serem ensinados na disciplina de Ensino Religioso, ele dá liberdade para que cada currículo seja estabelecido dentro das necessidades locais atendendo às demandas regionais. Em todas as outras disciplinas, o Estado estabeleceu todos os eixos capacidades e habilidades a serem ensinadas nas escolas. Sobre isso, diz Diniz (2010, p. 15):

[...] o artigo 33 da LDB, em desarmonia com o conjunto das regulamentações sobre o ensino fundamental que prevê diretrizes curriculares nacionais para a educação básica, permite com que o conteúdo do ensino religioso seja definido pelos sistemas sem que haja formas de regulação ou acompanhamento pelo Ministério da Educação. Em nenhuma outra disciplina da educação básica o Estado abriu mão do seu poder fiscalizador ou de definição de conteúdos. Esse vácuo normativo e de definição de conteúdos, dificulta ações de avaliação das práticas educacionais e de cumprimento da norma constitucional que determina o objetivo da educação fundamental a formação básica comum e o respeito à diversidade.

Esta liberdade de definição de conteúdo proporciona à escola a oportunidade de incluir na disciplina de Ensino Religioso conteúdos que favoreçam a formação integral do aluno, visando uma formação para ética, para cidadania, para o respeito, valorizando a cultura da paz e promovendo o diálogo inter-religioso, visto que em uma escola existem várias crenças presentes através da sua comunidade.

Para além do conhecimento sistematizado estabelecido pelo currículo, a escola proporciona aos alunos as relações interpessoais, a convivência coletiva que acomoda experiências que não estão previstas em documentos oficiais nem nos planejamentos dos professores, mas que contribuem de forma significativa para a formação da pessoa humana.

Quando falamos de formação para tolerância, é importante ressaltar que em se tratando de diversidade religiosa, o diálogo é ferramenta fundamental, visto que ainda testemunha-se comportamentos discriminatórios relacionados à religião e, neste campo, o papel do professor é muito importante para estabelecer a liberdade e a segurança de manifestação das mais diversas religiões praticadas pelos alunos. Ainda assim, muitas vezes, os professores conceituam comportamentos preconceituosos como brincadeiras não dando a devida importância ao fato de alunos e alunas sofrerem com este tipo de discriminação. Logo, seria importante que no processo formativo, cada docente fosse incorporando em sua dinâmica o cuidado com as palavras, pois em nosso contexto de mundo é cada vez mais presente a convivência da pluralidade cultural. Vejamos o que diz Cardozo (2008, p. 9) sobre uma pesquisa de campo realizada sobre a diversidade religiosa em uma escola no Rio de Janeiro:

questionados sobre a existência de alunos de religiões ou de cultos diferentes na mesma turma, 91,4% reconheceram diversidades de crenças e de práticas religiosas comum entre os colegas. As avaliações dos respondentes a respeito da convivência entre múltiplos sistemas religiosos residem na ideia de uma “normalidade”, a qual, entretanto, não se mostra problematizada pelos sujeitos em questão. As respostas de que é “normal” conviver com pessoas de cultos ou de religiões diferentes, pode por um lado, expressar espaços de tolerância religiosa, e, por outro, uma situação hierárquica e conflitiva institucionalizada. Poucos foram os entrevistados que afirmaram haver conflitos oriundos da diversidade de práticas religiosas, os quais se especialmente em chistes provocações provenientes de estranhamentos face às crenças às práticas do outro.

Observa-se que nem sempre a diversidade religiosa é bem-vinda, existem inúmeros casos divulgados pela imprensa de intolerância e desrespeito com alunos e alunas pertencentes a religiões de matriz afro-brasileira e, em muitos casos, o preconceito e perseguição acontecem por parte dos professores. Vejamos um desses casos:

a., de 13 anos, estuda em uma escola municipal em que o Ensino Religioso e confessional, e a presença nas aulas é obrigatório. Praticante de candomblé, ela diz sofrer discriminação por parte de três professoras evangélicas, que tentam convertê-la. Com medo de retaliações, a menina pede que nem seu nome nem o da escola sejam identificados. Ela relata que não só é obrigada a frequentar as aulas, como também a fazer orações.

\_\_ A professora manda eu rezar “Ó Pai bondoso, livra-nos de todo espírito do mal, para quem é da macumba entrar para a igreja”, porque eu sou do candomblé. Se eu não repetir a oração, ela me manda para a sala da direção. E a diretora diz que a professora tem que ensinar aquilo que ela acha que está certo. Não posso faltar, senão ela disse que eu vou ser reprovada – conta a aluna do 5º ano do ensino fundamental<sup>34</sup>.

Outro caso semelhante é divulgado pela mesma reportagem, vejamos:

Já no colégio estadual em que Y. cursa a 1º ano do ensino médio, as aulas de ensino religioso são facultativas, mas não há atividades alternativas para quem não quiser frequentá-las. A estudante de 15 anos é umbandista e diz que o professor, católico fala de várias religiões, mas reza orações como o pai Nosso e a Ave Maria, além de cantar músicas gospel.

\_\_ fico quieta durante as orações, mas todo mundo reza. Tem vezes que o professor me chama de macumbeira, e tenho que corrigi-lo. Outros alunos ficam rindo de mim, dizendo que a “má cumba” é pra fazer o mal. Mas não ligo. Adoro minha religião e vou continuar nela – revela ela sem querer revelar sua identidade.<sup>35</sup>

<sup>34</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/ensino-religioso-obrigatorio-em-49-de-escolas-publicas-contra-lei-7928028>>. Acesso em: 22 ago. 2018

<sup>35</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/ensino-religioso-obrigatorio-em-49-de-escolas-publicas-contra-lei-7928028>>. Acesso: 22 ago. 2018.

Leiamos ainda um último caso também descrito pela reportagem acima:

Os irmãos, X e Z, de 7 e 9 anos, optam por não revelar que são umbandistas por terem medo de serem discriminados pela maioria dos estudantes católicos da escola municipal onde estudam.

\_\_ Todo mundo lá é da igreja. Tenho vergonha porque acho que vão me chamar de macumbeiro - diz X.

\_\_ Tenho medo de contar, porque a maioria é católica. A professora sempre faz aquela reza que todos os católicos fazem - completa Z.<sup>36</sup>

Na mesma reportagem, está uma entrevista com Denise Carrara, pesquisadora que realizou um trabalho em várias escolas públicas em cidades da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo (CARRARA, 2018). Os depoimentos que ela colheu durante sua pesquisa mostram que os casos de intolerância religiosa variam de humilhação até violência física. Além disso, ela afirma que em muitos destes casos os agressores são professores ou outros funcionários da escola. Ela diz:

“[...] a intolerância religiosa no Brasil se manifesta principalmente contra as pessoas vinculadas às religiões de matriz africana. Dessa forma, a gente entende que o problema está muito ligado ao desafio do enfrentamento ao racismo, já que estas religiões foram historicamente demonizadas. A gente observa um crescimento do número de professores ligados a determinadas denominações neopentecostais que compreendem que o seu fazer profissional deve ser um desdobramento do seu vínculo religioso. Ou seja, ele pensa o fazer profissional como parte da doutrinação, nesta perspectiva do proselitismo<sup>37</sup>.”

Perante depoimentos como estes é clara a necessidade do investimento na formação do professor para a lida com a diversidade religiosa. Ele é um sujeito atuante, sua cosmovisão está presente durante as ministrações das aulas e influencia na formação dos alunos bem como no comportamento deles para com o próximo. Neste sentido, sua responsabilidade se acentua, pois de fato está participando da elaboração de seres humanos que conviverão em sociedade.

Diante de tal responsabilidade, a formação do professor deve ser um assunto em pauta e levado a sério, pois, como influenciador de opiniões, ele pode contribuir para a construção ou desconstrução de comportamentos preconceituosos, intolerantes, radicais, desumanos e antiéticos. O direito à livre manifestação religiosa é garantido não só pela Constituição

<sup>36</sup> Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/educacao/ensino-religioso-obrigatorio-em-49-de-escolas-publicas-contralei-7928028>>. Acesso: 22 ago. 2018.

<sup>37</sup> Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/intolerancia-religiosa-afeta-auto-estima-de-alunos-edificultaaprendizagem>>. Acesso em: 22 ago. 2018.

Brasileira, mas, também contemplada pela Declaração Universal dos Direitos Humanos (2019) no artigo XVIII:

toda a pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, isolada ou coletiva, em público ou em particular.

Este é um assunto que merece muita atenção por parte de toda comunidade escolar, mas principalmente dos professores que estão na maior parte do tempo junto com os alunos e ocupa uma posição onde é possível estar atento às falas, aos movimentos e às atitudes dos alunos. Enquanto educador, segundo Silva e Ribeiro (2007), é importante promover reflexões e diálogos voltados para as questões religiosas e para sua diversidade. Eles asseveram que:

Um dos grandes desafios para a convivência social é encontrar maneiras de diálogo com o diferente. Por muito tempo se procurou encontrar o que os grupos têm em comum. No entanto, descobriu-se que além de ter algo em comum, se faz necessário que a convivência se dê também pela diferença (SILVA; RIBEIRO, 2007, p. 13).

A promoção da valorização das diferenças é uma das atribuições mais relevantes do professor. Manter um canal de conversas aberto, que tenha como base a busca pela boa convivência, harmonia entre as diferenças e respeito a todo tipo de versões do humano, deve ser uma práxis constante na ação docente.

Para muito além do professor de Ensino Religioso, todos os professores devem se comprometer com a promoção do respeito à pluralidade religiosa e de religiosidade e o reconhecimento da importância de todas as religiões.

Podemos dizer que existe uma grande vantagem no sistema de ensino quanto a liberdade de definição dos conteúdos a serem trabalhados na disciplina Ensino Religioso nas escolas, como pode-se observar no artigo 33 da LDB, nº 9394/96 (a lei nº 9.475):

o ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo (BRASIL, 1996).

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

Com esta liberdade de definição de conteúdo, a escola pode lançar mão de temas que contemplem a pluralidade religiosa brasileira, valorizando esta diversidade, contribuindo para a formação de homens e mulheres que sabem conviver com todas as diferenças com um olhar natural para aquilo que é diferente de si.

Dito isto, voltamos à formação do professor que é pré-requisito básico para que o respeito à diversidade e promoção da cultura de paz sejam estabelecidos. Esta formação docente deve priorizar o profundo conhecimento dos Direitos Humanos, mediação de conflitos, áreas de valores humanos e ética. O professor deve manter em mente que se um aluno pode aprender a cultura da violência, também é capaz de aprender a cultura da paz, assunto este tão importante que foi incluído como meta do PNE - Plano Nacional de Educação (2014/2024).

O comprometimento docente deve ser intenso, principalmente na educação básica. Hábitos antigos são mais complexos para se mudar, sendo assim, quanto antes se investir na educação para a cultura de paz mais resultados serão alcançados e mais multiplicadores desta cultura serão cultivados.

Na escola, a tarefa do professor não consiste apenas em ser um ministrador de conteúdos ou ser um expectador das contingências interpessoais, sua função vai muito além, cabendo a ele múltiplas tarefas, dentre elas a de gestor de resolução de conflitos, desacordos, violências simbólicas e tantas outras situações que fazem parte do cotidiano escolar, neste sentido, estar preparado para lidar com as mais diversas situações é muito importante. Sua formação não pode dar ênfase exclusivamente à aprendizagem técnica, teórica e metodológica, ele deve estar apto para perceber e interpretar todos os acontecimentos relacionados aos alunos e saber se posicionar diante deles. Vejamos o que diz Milani (2003, p. 39), sobre as capacidades necessárias ao professor e sua formação para a cultura de paz:

no que se refere à escola, a abordagem da Cultura da Paz ressalta diversas necessidades e estratégias: uma relação educador-educando fundamentada no afeto, respeito e diálogo; um ensino que incorpore a dimensão dos valores éticos e humanos; processos decisórios democráticos, com a efetiva participação dos alunos e de seus pais nos destinos da comunidade escolar; implementação de programas de capacitação continuada de professores; aproveitamento das oportunidades educativas para o aprendizado do respeito às diferenças e a resolução pacífica de conflitos; abandono de modelo vigente de competição e individualismo por outro, fundamentado na cooperação e no trabalho conjunto, etc.



Desenvolvidas todas essas habilidades, o professor será capaz de desempenhar seu papel com propriedade e eficiência, servindo à formação de pessoas que saibam conviver pacificamente, em harmonia, respeitando a pluralidade em todas as suas formas, cores, tons e sons.

Queremos também nos apropriar das contribuições de Paulo Freire sobre a formação do professor para a disseminação na área acadêmica da Cultura de Paz:

[...] para Paulo a Paz não é um dado, um fato intrinsecamente humano com uma todos os povos, de quaisquer culturas. Precisamos desde a mais tenra idade formarmos crianças na “Cultura da Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade (FREIRE, 2006, p. 391).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tecer as considerações finais desta dissertação intitulada "**A QUESTÃO RELIGIOSA, A ESCOLA E A CULTURA DE PAZ**", podemos afirmar que as inquietações que motivaram percorrer uma trajetória de reflexão sobre o tema nos trouxeram mais interrogações do que respostas, no entanto, afirmamos que as perguntas ganharam também em intensidade e certamente terão novos desdobramentos que obviamente não seria possível esgotar nos limites desta pesquisa ainda incipiente.

Ao olhar o caminho percorrido, observamos que não obstante às respostas não teriam atingido a sua concretude. Não se pode negar a convicção do quão fundamental é esta temática para se pensar a articulação entre religião, escola e Cultura da Paz, visto que religião e cultura não são a mesma coisa, mas mantêm uma profunda relação que é o de subsidiar e constituir os valores e as referências que dão sentido à vida tanto na sua dimensão pessoal quanto coletiva.

Retomando nossa pesquisa, no que diz respeito ao fenômeno religioso, pudemos perceber que este é uma manifestação tipicamente humana, pois em todas as épocas históricas encontram-se traços, atividades e alguma forma de religião. Ademais, é consenso entre os estudiosos - antropólogos, sociólogos, arqueólogos, filósofos, teólogos, historiadores - que todas as culturas são profundamente marcadas pela religião e que as melhores produções artísticas e literárias, não só das civilizações antigas, mas também das modernas, se inspiram em motivos religiosos.

Quanto à ideia de assumir a religião como cultura, a pesquisa nos levou à leitura de inúmeros pensadores, como por exemplo, Luiz Felipe Pondé, Dalai Lama, Leonardo Boff, dentre outros que, cada um ao seu modo, fazem a distinção entre os conceitos de religião e cultura, mas que ao mesmo tempo são categorias que não se separam. Portanto, são dois lados de uma mesma moeda no sentido instituidor da cultura.

Isso ficou evidenciado na caracterização que fizemos de forma breve sobre as religiões de maior expressão na cultura brasileira, a saber: o cristianismo, o hinduísmo, o judaísmo, o budismo, o candomblé e o islamismo. A contextualização destas diferentes vertentes religiosas e as características axiológicas nos levam a identificar em cada uma destas correntes possibilidades que contribuem para a formação de uma consciência que leve a interagir de forma autônoma, cidadã e generosa com a pluralidade cultural que compõe a sociedade contemporânea. Esse é o desafio que cabe à escola, como mediadora das relações do conhecimento, da aprendizagem e da convivência, recuperar e, de forma propositiva,

potencializar todos os valores que estas diferentes expressões religiosas contém para promover uma Cultura de Paz.

Esse caminho percorrido suscita a urgência de um debate que retome os conceitos fundantes de cada religião, seja ela de matriz judaico-cristã ou de matriz afro-brasileira, pois cada uma traz valores potentes e uma base ética que dão suporte para o que nós estamos chamando de Cultura de Paz, ou seja, o conjunto de valores e regras que possibilitam uma convivência pacífica e de respeito à diversidade humana.

Concluimos proferindo que o caminho para a Cultura da Paz é o diálogo, sendo assim, aquele que é de Alá, pode se aproximar daquele que é de Exu, aquele de é de Yaveh, pode se aproximar daquele que é de Buda, aquele que é de Jeová, pode se aproximar daquele que é de Maria. O saudoso Guimarães Rosa (2006, p. 15-16), disse certa vez sobre a diversidade religiosa brasileira:

o que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece principalmente de religião: para se desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Midubim, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – o tempo todo. Muita gente não me aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável.

Saravá, Paz do Senhor, Salaam Aleikum, Shalom Adonai, Axé, Namastê para todos nós. Se nas religiões se prega a paz, não faz sentido vivermos em “guerra” pela fé ou em nome dela.

## REFERÊNCIAS

- BIX, B. H. **Dicionário de teoria jurídica**. México: UNAM, 2009.
- BOFF, L. **A águia e galinha**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- BOFF, L. **Espiritualidade**: um caminho de transformação. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOFF, L. **Fundamentalismo**: a globalização e o futuro da humanidade. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, L. **Tempo de transcendência**: o ser humano como um projeto infinito. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- CARDOZO, F. “**Pesquisa quali-quantitativa com alunos das séries finais do ensino fundamental de Criciúma**”. In: SEMINÁRIO ENSINO RELIGIOSO, GÊNERO E SEXUALIDADE EM SANTA CATARINA, 1., 2008, Florianópolis. Disponível em: [http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/pesquisa/Pesquisa\\_quantitativa\\_com\\_aluns\\_das\\_series\\_finais\\_criciuma\\_formatado.pdf](http://www.nigs.ufsc.br/ensinoreligioso/docs/pesquisa/Pesquisa_quantitativa_com_aluns_das_series_finais_criciuma_formatado.pdf). Acesso em: 23 jan. 2019.
- CARNEIRO, S. S.; ALEXANDRIA, N. “Educação e Religião: múltiplas interfaces e tensões no âmbito escolar da Rede Pública do Estado do Rio de Janeiro” [online]. **Os urbanistas – Revista de Antropologia Urbana**, São Paulo, v. 5, n. 9, dez. 2008. Disponível em: <<http://www.osurbanistas.org/s>>. Acesso em: ago. 2018.
- CARRARA, D. **Intolerância religiosa afeta autoestima de alunos e dificulta a aprendizagem**. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/intolerancia-religiosa-afeta-auto-estima-de-alunos-edificultaaprendizagem>>. Acesso em: ago. 2018.
- CASTRO, Y. P. **Falares Africanos da Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2001.
- CUNHA, L. A. **Educação e religiões**: a descolonização religiosa da escola pública. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias->>. Acesso em: 04 ago. 2017.
- DALAI, L. **Uma ética para o novo milênio**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.
- DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Adotada e proclamada pela resolução 217 A (III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948**. Disponível em: <<http://www.ouvidoria.defensoriapublica.pr.gov.br/arquivos/File/Legislacao/declaracao.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2019.

DINIZ, D. “Laicidade e ensino religioso nas escolas públicas: o caso do Rio de Janeiro”. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, São Paulo, v. 84, p. 399-415, 2010.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: M. Fontes, 1996.

FERRY, L. **Aprender a viver**: filosofia para os novos tempos. Tradução Véra Lucia dos Reis – 2. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

FREIRE, A. M. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 29, n. 2, p. 387-393, maio/ago. 2006.

GIUMBELLI, E. A noção de crenças e suas implicações para a modernidade: um diálogo imaginado entre Bruno Latour e Talal Asad. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 35, p. 327-356, 2011.

GIUMBELLI, E. **O fim da religião**: dilemas da liberdade religiosa no Brasil e na França. São Paulo: Attar/PRONEX, 2002.

HELLERN, V.; NOTAKER, H.; GAARDER, J. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Rio de Janeiro, 2010.

MACEDO, E. **Orixás, caboclos e guias, deuses ou demônios?** Rio de Janeiro: Unipro, 1997.

MARTINS, R. X. **Metodologia de pesquisa**: guia prático com ênfase em educação ambiental. Lavras: UFLA, 2015.

MATOS, K. S. L.; NASCIMENTO, V. Construindo uma cultura de paz: o projeto paz na escola em Fortaleza. In: MATOS, K. S. L. (Org.). **Cultura de paz, educação ambiental e movimentos sociais**: ações com sensibilidade. Fortaleza: Editora UFC, 2006. p. 26-35.

MILANI, F. M. Cultura de paz X violências: papel e desafios da escola. In: MILANI, F. M.;

JESUS, R. D. P. **Cultura da Paz**: estratégias, mapas e bússolas. Salvador: INPAZ, 2003.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Kit de divulgação da Cultura de Paz**. Paris, 1999.

PONDÉ, L. F. **Um Filósofo, um pastor, um ateu, um católico e uma agnóstica**. 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4fYnvy4AEtc>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

ROSA, J. G. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SILVA, C. A.; RIBEIRO, M. B. **Intolerância religiosa e direitos humanos**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.